



Freud e a religião

Editorial

O pai da psicanálise, **Sigmund Freud**, declarava-se ateu e sempre fazia fortes críticas às religiões. O tema da relação entre Freud, à psicanálise e as religiões é justamente o assunto que procuramos debater na **IHU On-Line** desta semana.

Para o filósofo e teólogo alemão **Hans Zirker**, entrevistado nesta edição, “Freud agride de maneira bastante geral ‘a religião’ no singular. Ele procura compreender o homem e sua cultura tão radicalmente pela lei natural e estimula-o a uma condução tão autônoma da vida que mais ou menos todas as religiões devem parecer-lhe como sistemas de um pensamento não-esclarecido e de uma dependência imatura”. No entanto, um dos amigos com que Freud mais se correspondia e debatia idéias era um pastor protestante, **Oskar Pfister**. Essa intensa relação é analisada por **Karin Wondracek**, que afirma: “Pfister via em Freud a negação verbal de doutrinas religiosas, mas um comportamento

cumpridor do Evangelho”. Também contribuem neste debate o filósofo e psicanalista francês **Pierre-Christophe Cathelineau**, membro da Associação Lacaniana Internacional, a psicanalista **Grace Burchardt**, o psicanalista **Leonardo Francischelli**, e **Ana-Maria Rizzuto**, psicanalista latino-americana radicada nos Estados Unidos e autora do livro *Por que Freud rejeitou Deus?*. Também reproduzimos sobre o tema um artigo do alemão **Herbert Will**.

Nesta edição publicamos ainda uma entrevista exclusiva com um dos grandes teólogos da atualidade, **Claude Geffré**, professor do Instituto Católico de Paris.

Uma ótima leitura e uma excelente semana a todas e todos!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Hans Zirker: “A crítica de Freud à religião”

PÁGINA 07 | Karin Wondracek: Abismo escancarado ou útil variação

PÁGINA 10 | Pierre Cathelineau: A psicanálise e o monoteísmo

PÁGINA 12 | Grace Burchardt: Freud e a abordagem racionalista das religiões

PÁGINA 14 | Leonardo Francischelli: “Deus e a psicanálise não casam bem”

PÁGINA 15 | Ana-Maria Rizzuto: “Por que Freud rejeitou Deus?”

PÁGINA 17 | Herbert Will: O aguilhão Freud. Crítica e superação da religião?

B. Destaques da semana

» TEOLOGIA PÚBLICA

PÁGINA 22 | Claude Geffré: Retorno religioso

» ENTREVISTA DA SEMANA

PÁGINA 26 | Bat-Ami Bar On: Arendt e a reflexão sobre a violência política

PÁGINA 30 | Michelle-Irene Brudny: Um pensamento e uma presença provocativos

» LIVRO DA SEMANA

PÁGINA 32 | JOHNSON, Steven. 2003. Emergência - a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares.

Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 231 p.

PÁGINA 36 | » TERRA HABITÁVEL

PÁGINA 37 | » DESTAQUES ON-LINE

PÁGINA 40 | » FRASES DA SEMANA

PÁGINA 41 | » CONJUNTURA DA SEMANA

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 47 | A alma como centro do filosofar de Platão

PÁGINA 50 | História, antropologia e música grega

PÁGINA 51 | O Rei da Vela

PÁGINA 53 | » SALA DE LEITURA

PÁGINA 53 | » IHU REPÓRTER

A crítica de Freud à religião

ENTREVISTA COM ENTREVISTA COM HANS ZIRKER

“Enquanto o homem se mantém fiel a Deus, Freud o vê sujeito à imaturidade, à consciência ilusória e à neurose coletiva”. Essas são as palavras do filósofo e teólogo alemão Hans Zirker em entrevista exclusiva à IHU On-Line. Zirker ainda acrescentou que Freud “procura compreender o homem e sua cultura tão radicalmente pela lei natural, e o estimula a uma condução tão autônoma da vida, que mais ou menos todas as religiões devem parecer-lhe como sistemas de um pensamento não-esclarecido e de uma dependência imatura”.

Hans Zirker é professor emérito de Teologia Católica e Didática na Universidade Duisburg-Essen. A entrevista que segue foi concedida por e-mail.



IHU On-Line - Qual a posição de Freud ante as religiões, sobretudo a cristã?

Hans Zirker - Freud dirige-se, em primeira linha, contra as religiões monoteístas, nas quais ele fala de Deus como “Pai”, são objetivadas a fé judaica e a fé cristã (ao islã é estranha esta imagem de Deus); em que ele critica a autoridade religiosamente imposta, todas as três religiões se devem ver atingidas. Com boas razões, porém, Freud agride de maneira bastante geral “a religião” no singular. Ele procura compreender o homem e sua cultura tão radicalmente pela lei natural e o estimula a uma condução tão autônoma da vida, que mais ou menos todas as religiões devem parecer-lhe como sistemas de um pensamento não-esclarecido e de uma dependência imatura. Freud vê o fim ideal de todo o conhecimento na limitação em torno daquilo que pode ser cientificamente demonstrado. E ele sabia que ele próprio ainda não atingira este fim com sua psicanálise, e ele também não nutria a esperança de que os homens em sua maioria jamais alcançassem este fim. Apesar disso, para ele, o pensamento religioso perdera indiscutivelmente sua validade.

IHU On-Line - Sob que pontos de vista a crítica de Freud se dirige de maneira mais dura contra a religião?

Hans Zirker - Freud acusa a religião de três grandes males principalmente: Em primeiro lugar, ele vê que nela os homens são mantidos na *imaturidade*. As crianças, quando se sentem desamparadas e com medo, buscam nos pais abrigo e proteção. Deles esperam amparo e cuidado. Elas ainda não são responsáveis por si próprias, mas são conduzidas. Mas, o que nos primeiros anos de vida é natural, bom e necessário, não deveria permanecer quando as pessoas se tornam adultas. Elas devem poder libertar-se dos progenitores e tornar-se autônomas, se não quiserem falhar em sua vida. Elas devem aprender a superar sozinhas os medos e as necessidades, onde estas puderem ser superadas e, onde isso não for possível, a suportá-las. A isso, segundo Freud, se contrapõe a religião: ela propõe Deus como aquele que aparentemente faculta aos homens que eles possam permanecer como crianças e não precisem tornar-se adultos. Na realidade, porém, - segundo a convicção de Freud - a religião não pode ajudá-los. Perigos e miséria não são por ela afastados, porém surgem tanto mais dura e perfidamente.

Em segundo lugar, a religião significa para Freud o mais

extremo domínio do *pensamento desejoso*. Que tenhamos sonhos, saudades e desejos é novamente natural, bom e necessário. Mas nós também devemos poder reconhecer a realidade que se lhes contrapõe. Não só é pernicioso, mas também indigno anestesiar-se de tal maneira que já não se percebam as próprias condições e relações. Isso, no entanto, o fazem, segundo Freud, pessoas religiosas. Elas imaginam coisas divinas, para não precisar posicionar-se ante seu mundo. Elas se entregam à *ilusão*, elas recorrem à religião como a um ópio.

Em terceiro lugar, Freud vê na religião *uma ordem cultural imposta* que se equipara a uma enfermidade psíquica, a uma *neurose*. Muitas vezes, quando se sentem sobrecarregadas, as pessoas procuram uma proteção perigosa: elas atribuem, de maneira exagerada, um lugar estável às coisas que as circundam, submetem-se, em sua conduta, a regras estranhas, parecendo aos seus concidadãos estranhos ou até perturbados. Eles o fazem por não ter aprendido a entender-se razoavelmente com seu mundo. Elas necessitam de seguranças adicionais. Com isso, porém, eles estreitam violentamente seu espaço vital e suas possibilidades vitais. Sua capacidade de conduzir-se significativamente entre outras pessoas e comunicar-se racionalmente com elas, se reduz e são elas que mais sofrem com isso. A inquietude que as conduz não pode ser afastada dessa maneira, mas até ainda aumenta.

Programa saudável

O que, na vida individual, se manifesta dessa forma como enfermidade, vê Freud realizado cultural e coletivamente na religião. Também ela circunda e concretiza a vida com ritos, para afastar experiências caóticas por meio de uma ordem sagrada. Ela zela angustiadamente pelo exato cumprimento das cerimônias, para que nada apareça perturbado. No entanto, com isso, segundo Freud, ela não obtém estabilidade psíquica, porém escrúpulo, nem obtém segurança, porém temores acrescidos. Diante destes três

aspectos da religião Freud concebe sua crítica como programa saudável. As pessoas devem, enquanto isso for possível, ser transpostas à condição de aceitarem a si próprias e seu mundo assim como eles o são. Elas devem ser capacitadas a aceitar a verdade e renunciar às ilusões, para, desta forma finalmente, conquistar saúde espiritual e psíquica.

IHU On-Line - O senhor crê que Freud era ateu?

Hans Zirker - Segundo sua própria compreensão, Freud certamente era ateu, porque, como homem se mantém fiel a Deus, Freud o vê sujeito à imaturidade, à consciência ilusória e à neurose coletiva. Ele não admite que a fé em Deus também possa capacitar o homem a tornar-se maduro, a superar ilusões e afastar uma conduta angustiada. Prestar-se-ia pouco serviço à compreensão da crítica psicanalítica da religião, caso realmente se quisesse interpretar Freud, em algum “sentido mais profundo”, como um homem que acreditava em Deus. Já em sua etimologia, porém, o conceito “ateísta” [ateu: em alemão ‘A-theist’ - BD] tem sentido meramente negativo. Por isso, este conceito não faz suficiente justiça a Freud. Em primeira linha e em última análise Freud é “humanista”. A controvérsia com ele também deve, por isso, ser conduzida principalmente em torno da compreensão do ser humano, e não com relação a Deus.

IHU On-Line - Como pode a teologia contribuir para a compreensão da psicanálise?

Hans Zirker - A psicanálise é um procedimento direcionado para o autoconhecimento e a estabilização, possivelmente para a cura do ser humano. Ela ultrapassa amplamente a crítica de Freud à religião e, em seu todo, não pode ser fixada na discussão da religião. De sua parte, a teologia não pode pretender estar também amplamente disponível para questões de psicanálise. Aqui é adequada uma atitude de reserva. Mas, a teologia

deve, em todo o caso, refletir sobre o modo pelo qual ela quer abordar a crítica da religião proposta por Freud. Não seria suficiente que ela procurasse ver quais os representantes da psicanálise que reconhecem mais valor e validade à religião.

Quatro pontos a serem levados em consideração

Em primeiro lugar, a teologia deve levar a sério a crítica de Freud. Há suficientes provas de que determinados estilos de educação religiosa são predominantemente direcionados para a obediência e promovem a imaturidade; de que, com a religião, pode ser apoiado o poder e ser desviado o olhar de situações escandalosamente injustas; que sob influências religiosas há pessoas que adoecem, etc. Isso também não pode ser contestado com a alegação de que, nestes casos, sequer se trata propriamente de religião, porém de degenerescências e perversões da religião. Este argumento seria demasiado simplório. Não, a própria religião é algo ambivalente. Ela não cai do céu como dom de Deus, mas também é sempre cultura humana. E assim ela também contém comprometedoras possibilidades. Só se poderia discutir, se seria conveniente reduzi-las, como o fez Freud, às suas conseqüências malsãs.

Em segundo lugar, a teologia pode apelar precisamente a Freud, quando ela admoesta à precaução em face do juízo crítico, pois, para a psicanálise, Freud exige uma conduta comunicativa: o médico ou psicólogo não deveria antecipar-se com seu próprio julgamento à concepção do outro, ao qual quer ajudar, não deveria bloquear com suas próprias hipóteses a autocompreensão do outro, porém abrir caminho a percepções que possam ser convincentes para ambos os lados. Esta exigência também pode ser transposta para o trato com religião e pessoas crentes. Uma crítica que sabe de antemão como se encontra a fé religiosa, ela própria viola o método analítico exigido e não palmilha o penoso caminho do entendimento comum para uma compreensão, quanto possível, comum.

Em terceiro lugar, a teologia pode contribuir para uma compreensão diferenciada da experiência. Quando Freud fala “da realidade” com a qual é preciso relacionar-se, ele pensa numa grandeza aparentemente inquestionável. No entanto, a “realidade” não pode ser estabelecida tão univocamente, ela não pode ser entendida tão “objetivamente” como Freud o pensava numa determinada tradição científica. O que vale como “experiência” e “realidade”, já é amplamente condicionado historicamente, cunhado culturalmente e também dependente de caminhos e concepções pessoais de vida.

Finalmente, e em quarto lugar, a crítica da religião e a religião, a psicanálise e a teologia devem entender-se sobre qual o significado que, na vida humana, também na religião, se atribui às necessidades, desejos e esperanças. Elas não podem ser contrapostas às experiências, como se ambos os lados fossem algo totalmente distinto e não tivessem nada a ver reciprocamente. Saudades não só podem reprimir experiências, como também despertar sensibilidade para elas. As experiências nem sempre devem contrapor-se aos desejos e esperanças, mas também podem fortalecê-los.

***IHU On-Line* - Na visão da psicanálise, qual a distinção entre crença e fé? Poderia a distinção entre crença e fé contribuir ao entendimento pela psicanálise?**

Hans Zirker - A distinção entre fé e crença aponta para o fato de que uma religião historicamente dada e institucionalmente formulada sempre se refere a uma convicção responsabilmente assumida e vivida. Caso contrário, religião e fé tornam-se mero costume exterior ou dever imposto. Somente em experiências conquistadas pela crença se pode confirmar a fé. Por sua vez, a crença pessoal também se refere sempre a uma fé formulada, porque, caso contrário, ela não teria um

lugar histórico e social; sem uma linguagem comum ela não poderia ser comunicada e não poderia confirmar-se numa vida comunitária.

Por isso a distinção, mas também a relação entre crença e fé é do maior significado para uma psicanálise que não recusa, de antemão, qualquer valor à religião.

***IHU On-Line* - Que contribuição a psicanálise de Freud pode dar à compreensão da fé?**

Hans Zirker - Com base nos precedentes pontos de vista, já deveria ter ficado claro quão importante é, para a autocompreensão religiosa, a crítica psicanalítica da religião, feita por Freud. Exige-se a análise e a discussão desta crítica não só para a auto-afirmação religiosa, mas também, em primeira linha, para o esclarecimento da consciência religiosa. Esta é aguçada pela psicanálise a reconhecer os perigos que se encontram na própria religião (imaturidade, ofuscamento da realidade e autoritarismo).

Por essa razão, a religião e a teologia também são direcionadas pela psicanálise a verem quão significativas

são a necessidade, a saudade e o desejo para a força de atração da religião. Contra a perspectiva de Freud, esta percepção pode ser um enriquecimento religioso.

Religião e fé

Já que a religião e a fé não podem jamais ser asseguradas com procedimentos científicos e, apesar de todas as experiências, também são conduzidas por desejos e saudades, elas também terão sempre objeções contra si. A inquietude espiritual que parte da crítica da religião permanecerá como algo fundamental. Mas, entre pessoas de boa vontade e esclarecidas dever-se-iam esperar pelo menos duas coisas: os crentes entre elas deveriam ter consciência de que suas convicções, que lhes são pessoalmente confiáveis, podem ser rejeitadas por outros com respeitáveis razões. E os seus críticos, apesar de seus argumentos contrários, deveriam poder dispor-se a uma respeitosa percepção da religião e da fé.

Abismo escancarado ou útil variação

ENTREVISTA COM KARIN WONDRACEK

Karin Hellen Kepler Wondracek analisa, em entrevista concedida por e-mail para a revista IHU On-Line, a correspondência entre Sigmund Freud, fundador da psicanálise, e o pastor protestante Oskar Pfister. Segundo ela, “Pfister via em Freud a negação verbal de doutrinas religiosas, mas um comportamento cumpridor do Evangelho”.

Karin possui graduação em Psicologia pela PUCRS, especialização em Psicanálise pelo Núcleo de Estudos Sigmund Freud e mestrado em Teologia pela Escola Superior de Teologia. O título de sua dissertação de mestrado é O amor e seus destinos: um estudo de Oskar Pfister para o diálogo entre a teologia cristã e a metapsicologia. Atualmente, é funcionária do Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul, sócia titular do Núcleo de Estudos Sigmund Freud e professora da Escola Superior de Teologia. Atua nos temas de Interdisciplinaridade, Psicanálise, Teologia, Fé e razão, amor e metapsicologia.

É organizadora, entre outros, do livro O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis: Vozes, 2003; e autora de O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

IHU On-Line - Em que sentido a correspondência entre Sigmund Freud, fundador da psicanálise, e o pastor Oskar Pfister, reacende o diálogo entre psicanálise e religião?

Karin Wondracek - A correspondência mostra que o tema psicanálise-religião teve, na vida de Freud, um ângulo diferente do dos seus textos oficiais: ao trazer à tona uma amizade de 30 anos entre Freud e um religioso, inclui a dimensão da relacionalidade nesta discussão, e com isso a possibilidade de ver outras facetas, ou seja, “no calor da amizade”, este assunto foi ventilado (arejado) de forma menos defensiva, menos pronta. Por isso, há nas cartas declarações e questionamentos que não se encontram nos livros de Freud.

IHU On-Line - A senhora questiona se essa troca de correspondência é um abismo escancarado ou uma útil variação. Pode explicar essa questão?

Karin Wondracek - Retiro estas duas expressões da correspondência entre Freud e Pfister, de frases em pelas quais eles definiram a sua relação, e as tomo como símbolos das possibilidades de diálogo entre psicanálise e religião. Útil variação é empregada por Freud, quando responde a Pfister a respeito das diferenças entre ambos: “Da sua carta obtenho a alegre certeza de que a diferença entre nossas visões somente começa quando moções emocionais passam a influir sobre os processos de pensamento, portanto de que ela somente pode ter a importância de uma útil variação” (Freud, 20.2.1909).

Abismo: alguns anos depois, Pfister assim descreve: "No que concerne à ética, religião e filosofia existe uma diferença, que nem o senhor nem eu percebemos como abismo" (Pfister, 3.4.1922). Ou seja, as posições de ambos são variações - que têm sua utilidade! - de um mesmo tema: aliviar o sofrimento humano através do resgate do amor".

IHU On-Line - A correspondência entre Freud e Pfister pode ser paradigmática? Se sim, em que sentido?

Karin Wondracek - Ela é um paradigma para estudos que envolvam mais de um saber, onde cada um, a partir da sua especificidade, tece suas observações a respeito de um fenômeno complexo, sem pretender abarcar a verdade. É o que o professor e psicanalista José Luiz Caon escreveu a respeito da correspondência Freud-Pfister: "Fundado na confiança a que podem aceder dois homens que prezam, no outro, a humanidade de que cada qual é feito, esse diálogo pode ser proposto como modelo, como "construção auxiliar" (Hilfskonstruktion), para nossas propostas de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade." (Caon in Wondracek (org). *O futuro e a ilusão*, Vozes, 2003, p. 231).

IHU On-Line - Como entender que Freud, como judeu, se correspondia com o pastor Pfister? Que tipo de visão religiosa era retratada nas cartas?

Karin Wondracek - Freud dizia-se judeu e ateu, que traz desta herança a valorização da palavra e a busca pelas forças em conflito no interior do ser humano. Pfister se apresentava como pastor reformado, portador de uma religião que não quer reprimir, mas anunciar o amor redentor. A visão religiosa que Pfister retrata baseia-se menos nos dogmas e mais na prática do amor, tanto que na sua resposta contra o livro de Freud *O futuro de uma ilusão*, [traduzida por nós no já citado

livro *O futuro e a ilusão*] Pfister compara o pai da psicanálise ao filho mais velho da parábola de Mateus 21.28ss, aquele que recusou verbalmente a ordem do pai de ir à vinha, mas acabou por cumpri-la na ação (p.18). Em outras palavras, Pfister via em Freud a negação verbal de doutrinas religiosas, mas um comportamento cumpridor do Evangelho. Como Heinrich Meng expressa no prefácio da correspondência, esta concepção religiosa fazia-o ver na psicanálise "o instrumento que há tempos procurava, e que o coloca na condição de poder auxiliar de outra maneira as pessoas que antes, como cura de almas espiritual, não conseguia ajudar suficientemente. Abre caminho até as fontes inconscientes e semiconscientes das situações de angústia, conflitos de consciência e idéias obsessivas daqueles que o procuram, e constrói de modo autônomo os fundamentos de uma pedagogia e cura de almas orientadas psicologicamente." (Cartas, p. 15). Esta visão religiosa privilegia o cuidado ao que sofre, e por isso é na prática da cura de almas e da psicanálise que ambos encontraram seu eixo comum.

IHU On-Line - Como a bagagem teológica protestante do pastor Pfister era recebida por Freud?

Karin Wondracek - Nas primeiras cartas Freud confessa seu desconhecimento da teologia protestante, que o faz não perceber a estreita relação entre a cura de almas e a psicanálise. Depois de algumas cartas trocadas, expressa a percepção já citada acima, de útil variação. À medida que aumenta a intimidade entre ambos, surgem as diferenças, mas com bom humor: numa carta, Freud expressa que Pfister tem vantagens na cura de almas porque pode encaminhar as pessoas a Deus; noutra, lamenta que Pfister, como religioso, seja obrigado à virtude do perdão; mais para o final, se expressa surpreso e incapaz de compreender a dupla condição de Pfister - analista competente e homem religioso.

Em minhas pesquisas da dissertação de mestrado sobre Pfister, encontrei algumas afirmações interessantes: para

Peter Gay, Pfister foi o único religioso "sadio" com quem Freud travou contato; o psicanalista espanhol Pedro Villamarzo, fundador do Instituto Oskar Pfister de Madri afirma que Pfister é o "duplo religioso de Freud ateu", ou seja, pelo mecanismo de negação aparece em Pfister o que está negado na personalidade de Freud e dos outros pioneiros (O amor e seus destinos, p. 24s). Encontrar seus aspectos negados e deslocados talvez explique as seis vezes em que Freud escreve sobre o bem-estar que a presença de Pfister lhe traz. Para Jung, Freud também o afirma e acrescenta que Pfister exerceu uma influência moderadora sobre seu complexo de pai.

IHU On-Line - Como se dá a inserção da psicanálise na teologia cristã? Qual o papel aqui do amor de Cristo?

Karin Wondracek - Pfister foi o primeiro a ver uma relação que depois dele tem merecido muitos estudos, tanto de psicanalistas como de teólogos/as, alguns mais favoráveis, outros mais críticos. Entre os favoráveis, como Pfister, há a percepção de que a psicanálise traz verdades a respeito da importância do amor, da relacionalidade, e também do conflito que permeia cada ser humano e que o submete a forças estranhas à sua vontade. Os mais críticos vêem na psicanálise uma supervalorização da sexualidade, que leva ao hedonismo e à frouxidão moral. Este tema também já era discutido por Pfister, que sugeriu a Freud trocar a expressão instinto sexual por instinto amoroso, pois temia que houvesse uma interpretação errônea, como também aconteceu. Penso que a melhor definição para a inserção da psicanálise feita por Pfister está numa carta dele a Freud: "Portanto, preciso situar o inconsciente dentro da totalidade da vida anímica, esta na sociedade, no cosmo e suas realidades transempíricas, e para isso necessito primeiramente de uma teoria do conhecimento. Se ainda se imiscuir o engano, o senhor, conforme seu próprio julgamento, não tem melhor sorte. (...) Assim, persiste entre o senhor e mim esta grande

diferença: Eu pratico a análise dentro de um plano de vida, que o senhor, com bondosa consideração, tolera como Servitut da minha profissão, enquanto que eu não considero esta visão da vida apenas como poderoso fomento para a cura (na maioria das pessoas), mas justamente **como consequência de uma filosofia mais condizente com a natureza humana e o cosmos**, que ultrapassa o naturalismo e o positivismo, e que é bem fundamentada em termos de higiene da alma e da sociedade".

Ao "situar o inconsciente dentro da totalidade da vida anímica", Pfister é coerente com sua cosmovisão, consequência de "uma filosofia mais condizente com a natureza humana e o cosmos". Ou seja, há uma outra antropologia de base, que toma o amor cristão como fundamento, e assim chego à segunda parte da questão. O amor foi o *leitmotiv* [fio condutor] de Pfister. Seu primeiro sermão na Paróquia de Predigern foi sobre o amor (Coríntios 13); e seu último também. Na sua lápide, está escrito o versículo de I João 4.18: "O perfeito amor lança forma o medo". Este tema perpassa suas obras, como, por exemplo, na tradução do título de um de seus livros: "Um novo acesso ao antigo Evangelho" (*Ein neuer Zugang zum alten Evangelium*) onde aborda o resgate que a psicanálise faz do amor como força impulsionadora do ser humano, comparando-a ao bom samaritano da parábola, o estrangeiro "impuro" que põe mãos à obra: "somente o amor pode trazer o restabelecimento ao corpo ensangüentado da humanidade, tomada de assalto pelos ladrões". Durante a Primeira Guerra sentiu-se especialmente convocado a escrever sobre o amor em todas as suas formas, bem como denunciar suas patologias. Estas idéias são amplamente desenvolvidas na sua obra magna **O cristianismo e a angústia** (*Das Christentum und die Angst*) na qual, em mais de 500 páginas, com o auxílio da teoria psicanalítica da angústia, faz uma crítica aos desvios das igrejas cristãs da doutrina do

amor. Um tema que continua atual! Pode soar estranho aos ouvidos seculares, mas Pfister também inclui a dimensão da cruz e da ressurreição no seu conceito de amor, pois vê nestas concepções cristãs um modo de lidar com o sofrimento e a morte que não esteja submetido à cosmovisão materialista subjacente à doutrina freudiana da pulsão de morte. Morte, nesta concepção, não seria o retorno ao inanimado, mas a passagem para a vida em outra forma. A experiência pascal torna-se paradigma da cura, lugar onde o amoroso triunfa sobre o mortífero. Não como escapismo alienante ou fuga da realidade, mas como possibilidade admitida pelas ciências atuais...

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o assunto?

Karin Wondracek - O final da questão anterior é um desafio, que levo desde o mestrado, de analisar as cosmovisões que embasam teorias e técnicas de terapia, tema que agora sigo pesquisando. Com Pfister, tenho aprendido, como psicanalista, a aproximar-me de Freud tendo a liberdade de dialogar, de ser simultaneamente discípula e pensadora autônoma. Em seus diálogos com Freud, tenho encontrado intuições que ajudam a pensar e tratar as fragilidades do ser humano na pós-modernidade: individualismo, vazio, desespero, falta de sentido. Este diálogo iniciado com Freud pode seguir fecundando psicanalistas e teólogos/as de todos os tempos, encorajando-os/as a seguirem construindo criativamente modalidades de ajuda aos que sofrem.

A psicanálise e o monoteísmo

ENTREVISTA COM PIERRE CATHELINÉAU

O filósofo e psicanalista francês Pierre-Christophe Cathelineau é membro da Associação Lacaniana Internacional. Ele concedeu a entrevista que segue, por e-mail, para a IHU On-Line, contribuindo para o debate sobre a relação entre Freud e a questão religiosa. Confira:

IHU On-Line - Quais são as relações entre a psicanálise e os monoteísmos?

Pierre Cathelineau - A psicanálise se interessa primeiramente pelas origens do monoteísmo, como o próprio Freud havia feito com Moisés, uma vez que ele constitui a base lógica da relação do sujeito com o Outro em nossa civilização. A partir do monoteísmo, o real é UM e é neste UM que o sujeito tem simplesmente relação com o Real. Um estudo mais detalhado permite mostrar

que o judaísmo, o cristianismo e o Islã se distinguem, como identidades religiosas, pelo sentido que eles concedem ao real, ao simbólico e ao imaginário. A psicanálise deve levar em conta estas singularidades, ainda que para ouvir os sujeitos que se apropriam destes monoteísmos e da significação dos fenômenos comunitários.

IHU On-Line - Em que sentido a psicanálise de Freud

pode nos ajudar na compreensão das guerras em nome das religiões?

Pierre Cathelineau - O delírio coletivo (e estruturado) que constitui toda religião resulta de uma identidade seguidamente fechada em si mesma. Nela, o sujeito encontra o apoio para sua identificação. Ela o faz imaginar que é esta identidade e nada além. Ele se imagina, então, pertencer à multidão de crentes que divide com ele esta identificação. A análise da psicologia das massas, segundo Freud, é ainda atual. A partir disso, ele orgulha-se de “sua pequena diferença” e encontra-se pronto a combater e a destruir, de forma paranóica, tudo o que lhe parece estranho, como se rejeitasse na periferia de sua comunidade tudo o que era Outro nele.

De qualquer forma, o fato identitário simplesmente contradiz uma propriedade do significante, salientada por Lacan: um significante é diferente dele mesmo e a identificação não saberia satisfazer-se da estase em um sentido petrificado. Esta estase ainda é constitutiva das identidades religiosas em particular, e nega o fato de que o sujeito tem, em sua última instância, relação com a diferença absoluta, e não mais com sua identidade. Somente a cura analítica permite chegar a esta conclusão aidentitária.

IHU On-Line - Quem é Deus para Freud? Como definir Deus pelos olhos da psicanálise?

Pierre Cathelineau - Deus é o significante que na revelação permitiu situar o Real com o Um, mas nesta permissão deixando o sujeito crer que o Outro era realmente habitado por um sujeito todo-poderoso, onisciente etc. A cura analítica restitui ao Outro a dimensão de uma falha, do obstáculo que é a própria castração. No final de uma análise, o Outro e o sujeito se descobrem ateus, uma vez que este Outro está vazio. Isso não invalida o saber que decorre das revelações sucessivas dos monoteísmos. São os textos dos quais ainda somos capazes de falar.

IHU On-Line - Deus e Freud se encontram em campos opostos?

Pierre Cathelineau - Dizer que eles estão em campos opostos é caricatural. Lacan fazia um trocadilho sobre Deus, passando de Deus a Dizer e a Dizer. No monoteísmo, Deus deixa sua marca no campo da palavra e do dizer pela experiência dos textos sagrados. Freud não se enganou tentando por uma exegese da Bíblia dar uma interpretação metapsicológica do monoteísmo judeu. Ele tinha a intuição de que, nesta interpretação, apostava-se igualmente o destino da psicanálise. Em seu último livro, e sem dúvida o mais importante, ele diz que o Pai sempre é Estranho. É uma maneira de situar a alteridade do Outro para o sujeito que não pode ser mais radical. A psicanálise tem lições a tirar da reflexão sobre os textos sagrados, mesmo se as conclusões são atéias.

IHU On-Line - Qual a contribuição de Lacan, como defensor das idéias de Freud, para a discussão sobre religião e psicanálise?

Pierre Cathelineau - A que eu digo mais alto: “Sou o que segue”. Eis uma maneira de situar o Real da qual a própria psicanálise continua tributária...

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar outro comentário sobre o tema?

Pierre Cathelineau - O estudo dos textos sagrados não é nada mais do que o estudo do Texto que constitui uma das tramas de nosso subconsciente. É onde surgem as questões da dívida, da falta, da lei, do desejo, do sexo, do amor etc. Veja a Bíblia. Uma entre outras, mas sem dúvida a mais essencial, pois o outro texto, alternativo, é o das escrituras científicas. O código genético é uma boa referência para pensar o desejo? De tais considerações não impede de se ser ateu, mas com rigor, com base em interpretação dos textos.

Freud e a abordagem racionalista das religiões

ENTREVISTA COM GRACE BURCHARDT

A psicanalista Grace Burchardt, presidente do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, concedeu a entrevista que segue, por e-mail, para a revista IHU On-Line. Em suas respostas ela afirma que “Freud critica a coerção precoce e nefasta da razão e da inteligência infantil exercida pelas religiões e ainda a tendência das religiões a impor um modelo de felicidade único e restritivo”. Confira.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre Freud e as religiões, em especial as religiões cristãs?

Grace Burchardt - É preciso dizer primeiramente que Freud é um homem de seu tempo, um cientista, com um projeto que ele próprio denomina de científico para a psicanálise. É desta perspectiva, que podemos também chamar de racionalista, herdeira do iluminismo, que ele aborda as religiões. A religião é uma “poderosa adversária da tarefa de esclarecimento e liberação”. Ele analisa a religião como parte do “patrimônio espiritual da cultura”, ao lado da filosofia, da arte e da moral, ou seja, o conjunto de meios elaborados pela civilização para defender-se das tendências destrutivas dos indivíduos, tendências que a própria civilização engendra pela exigência de renúncia às satisfações pulsionais.

Seu projeto de trabalhar a psicogênese das religiões inicia-se em *Totem e Tabu*, considerado por Emilio Rodrigué o “grande mito moderno do assassinato de Deus”, desenvolvendo-se em *Futuro de uma Ilusão*, *Mal Estar na Cultura*, e *Moisés e o Monoteísmo*, seu “testamento literário” segundo Renato Mezan. O argumento principal desenvolvido ao longo deste projeto é o de que o sentimento religioso e as religiões nascem do desamparo infantil. Hobbes e Espinosa já haviam derivado as crenças religiosas dos sentimentos de medo e angústia, a novidade freudiana é que o desamparo é

gerado pela morte do pai onipotente da infância, ou melhor, pelo assassinato do pai mítico, que todos devemos realizar no caminho da autonomia subjetiva. A figura de Deus é o substituto paterno, ilusão criada pela nostalgia do pai. A devoção a Deus, por sua vez, é fruto do sentimento de culpa e da conseqüente dívida ao pai que se instala pelo desejo de morte e pelo parricídio. Em um artigo intitulado *Neurose demoníaca do século XVII*, Freud analisa a figura do diabo como o substituto do pai odiado. Encontramos ainda o tema da religião em pequenos artigos como *Atos obsessivos e práticas religiosas* e *Moral sexual civilizada e o nervosismo moderno*.

Freud dedica-se às religiões monoteístas, em especial o judaísmo e o cristianismo, dirigindo sua mais importante crítica à Igreja. Não podemos esquecer que ele habitava a Áustria católica. Entretanto, é na sua correspondência com Oskar Pfister, um pastor protestante que se apaixonou pela psicanálise e tornou-se interlocutor privilegiado de Freud, que encontramos o mais interessante debate sobre o cristianismo. Em uma passagem Freud interroga Pfister: “E, incidentalmente, por que a psicanálise não foi criada por um destes inúmeros homens piedosos, por que foi necessário esperar um judeu inteiramente ateu.” O artigo *Futuro de uma Ilusão*, segundo Renato Mezan, tem Pfister como seu destinatário primeiro, em outra carta Freud escreve:

“Não sei se o senhor percebeu o laço secreto entre a Questão da análise por não-médicos e a Ilusão. Numa quero proteger a psicanálise contra os médicos; na outra, contra os padres. Gostaria de lhe atribuir o estatuto que ainda não existe, o de Seelensorger (os que cuidam da alma) seculares, que não teriam necessidade de ser médicos nem o direito de ser padres”.

***IHU On-Line* - Qual a influência na concepção de religião que Freud tinha do fato de ele ser judeu?**

Grace Burchardt - Freud ele próprio definia-se como um judeu ateu. E, sobretudo, como já disse, ele é herdeiro das luzes, um homem universal. Sua relação com o judaísmo se dá por uma identificação às suas origens e à cultura judaica, não à mística ou à espiritualidade judaicas. Penso que algumas de suas manifestações são reveladoras de sua relação com o judaísmo. Além de perguntar a Pfister por que teria sido necessário um judeu ateu para “descobrir” o Inconsciente e “inventar” a psicanálise, Freud responde a Max Graff, pai do pequeno Hanns, que o consulta para saber se deveria batizar seu filho (o que havia se tornado uma prática depois da emancipação dos judeus feita por Francisco José, embora o anti-semitismo permanecesse na cultura burguesa austríaca, foi outorgada aos judeus a igualdade de direitos civis, o que fez surgir o desejo de assimilarem-se a cultura européia, muitos renunciando ao iídiche e a religiosidade, o que foi chamado de judaísmo liberal, porém era exigido daqueles que abdicavam da religião filiam-se a católica ou protestante, dentre eles estão Marx e Heine): “Se não permitir que seu filho cresça como judeu, o senhor irá impedi-lo de desfrutar de uma dessas fontes de energia que nada pode substituir. Como judeu, ele terá que lutar, o senhor deve deixar que nele desenvolvam todas as forças de que necessitará nesta luta. Não o prive desta vantagem”.

***IHU On-Line* - Quais as críticas mais duras de Freud à religião?**

Grace Burchardt - A principal crítica à religião é a de que ela falhou em sua função de conciliar o homem com as renúncias pulsionais exigidas pela civilização, o mal-estar persiste. A religião tampouco foi capaz de contribuir para a elaboração psíquica das conseqüências do assassinato primordial, sua função, ou seja, contribuir para a sublimação da culpabilidade e sua transformação em formas socialmente adequadas e não em ódio, principal derivado do sentimento de culpa. Ora, as duas grandes guerras, o nazismo e outras expressões violentas na história da humanidade revelaram o que há de mais cruel e destrutivo no homem e por conseqüência o fracasso da função das religiões e mais propriamente da missão da Igreja, após dois mil anos de era cristã. Freud também critica a coerção precoce e “nefasta” da razão e da inteligência infantil exercida pelas religiões, e ainda a tendência das religiões a impor um modelo de felicidade único e restritivo.

***IHU On-Line* - O que é um ateu para Lacan, que foi o defensor das idéias de Freud?**

Grace Burchardt - A associação que me ocorre é uma ironia que Lacan faz, dizendo que os únicos ateus que ele conhece são os teólogos, que passam o tempo tentando provar a existência de Deus. Quanto a Lacan, o fato de ele ser originário de uma família católica francesa é relevante para o movimento psicanalítico, no sentido de sua universalização. Freud tinha uma grande preocupação neste sentido, tanto que o primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional, fundada por Freud, foi Jung, um cristão.

***IHU On-Line* - Qual a diferença, sob o olhar da psicanálise, entre crença e fé?**

Grace Burchardt - Pensaria que crença e fé são sinônimos, porém a discussão psicanalítica que pode ser

feita é a do valor de verdade das religiões. Freud qualifica uma crença de ilusão, não é um erro como propõem os iluministas, mas uma categoria intermediária entre a verdade e a sua falsidade. Freud diz: “qualificamos de ilusão uma crença engendrada pelo impulso à satisfação de um desejo, que prescinde de sua

relação com a realidade efetiva”. A fonte da ilusão é o desejo, mas esta não perde todo o contato com a realidade, o que acontece no delírio e na psicose. Freud proporá que a verdade da ilusão religiosa não é material, mas histórica.

“Deus e a psicanálise não casam bem”

ENTREVISTA COM LEONARDO FRANCISCHELLI

O psicanalista Leonardo Adalberto Francischelli é membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Ele aceitou conceder a entrevista a seguir, por e-mail, para a IHU On-Line, contribuindo no debate sobre a relação entre Freud e as religiões.

IHU On-Line - Como o contexto de criação de Freud o influenciou para sua concepção de religião?

Leonardo Francischelli - Freud é filho espiritual do iluminismo que tinha como ideal para o homem a racionalidade. O trabalho que Freud produziu em 1927 *O futuro de uma ilusão* serviria como testemunho dessa verdade. Nesse texto, podemos ler a seguinte frase: “Não há instância alguma acima da razão”. Podemos interpretar com alguma possibilidade de fidelidade para onde apontava Freud com respeito à religião. Contudo, tal perspectiva não se materializou, visto que, hoje, as idéias religiosas vão bem. Em outras palavras, a força, o poder e a influência do pensamento religioso são vigorosos neste início do século XXI. Portanto, observamos que alguma coisa do ideal freudiano ficou pelo caminho.

IHU On-Line - Quem é Deus para Freud?

Leonardo Francischelli - Deus para Freud é o pai. Isso é passível de sustentação segundo seu artigo de 1913,

Totem e tabu. Em breves palavras, é a imagem daquele pai da nossa infância toda poderosa que será transferida, posteriormente, a Deus. O trabalho *Totem e tabu* vai repercutir em outros textos, porém localizaremos maiores ressonâncias em *Moisés e a religião monoteísta*.

IHU On-Line - Quais as relações entre a idéia de Deus e a psicanálise? Podemos relacionar Deus (o Pai) com a figura do pai segundo a psicanálise?

Leonardo Francischelli - Sobre a idéia de Deus já dissemos alguma coisa. Seguramente não o suficiente. Deus e a psicanálise não casam bem na minha colocação no mundo. Sim. Pai e Deus, como dissemos, são idéias que se fundem na sua origem. Entretanto, os percursos, quando matizados pelo pensar religioso, se bifurcam e dificilmente se encontrarão.

IHU On-Line - Freud se mostra absolutamente convicto de que a psicanálise só pode ser inventada por uma pessoa não-crente. Podemos estabelecer a

relação psicanálise-ateísmo? Existe incompatibilidade no exercício da psicanálise e da fé religiosa?

Leonardo Francischelli - Talvez. Parece que Freud nunca se declarou religioso. É difícil, a meu ver, contemplar a possibilidade de que alguém, embebido de uma idéia espiritual com a marca da religiosidade, pudesse fundar, criar a psicanálise. Basta pensarmos nas três caídas narcisistas propostas por Freud, sendo a última aquela que o homem é um produto da espécie e não de Deus. Nessa medida, ainda com amigos queridos próximos que defendem essa possibilidade, há sim incompatibilidade entre as duas matérias: religião e psicanálise representam duas formas de pensar que vejo

poucas possibilidades de andarem juntas, ainda que analisemos alguém de origem religiosa.

IHU On-Line - Quais são as principais críticas de Freud à religião?

Leonardo Francischelli - Talvez a crítica fundamental de Freud às religiões a extraíssemos da obra já referida *O futuro de uma ilusão*, em que pareceria, e isso tem muito da visão, de uma conclusão da sua leitura, que ele esperaria o fim, diremos assim, de todo pensar religioso. Então, o homem, desprotegido de um Deus, terá que se desfazer de um pensamento infinito, isto é, uma vida além da morte para situar-se com a finitude.

Por que Freud rejeitou Deus?

ENTREVISTA COM ANA-MARIA RIZZUTO

No livro Por que Freud rejeitou Deus? a psicanalista Ana Maria Rizzuto interpreta elementos contidos na teoria freudiana e em seu desenvolvimento para mostrar as razões que fizeram de Freud um opositor ferrenho da religiosidade e suas instituições. Na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, Ana diz que “circunstâncias pessoais da vida de Freud, durante seu crescimento, não lhe permitiram a experiência da sensação de proteção”. Ana-Maria Rizzuto é psicanalista latino-americana radicada nos Estados Unidos. Trabalha criticamente as teorias de Sigmund Freud.

IHU On-Line - Por que Freud rejeitou Deus?

Ana-Maria Rizzuto - Circunstâncias pessoais da vida de Freud, durante seu crescimento, não lhe permitiram a experiência da sensação de proteção. Seus primeiros anos de vida foram marcados por mortes significativas: seu avô paterno, seu tio e seu irmão Julius. A última morte marcou a experiência psíquica de Freud para toda a vida. Ele teve outras perdas: sua babá, a quem foi superapegado, desapareceu de sua vida sem dar notícia. Freud, quando era pequeno, saiu de sua cidade natal, e

seu pai perdeu o emprego. Depois, entrou para a escola pública, e pegaram seu tio favorito contrabandeando, prenderam-no e julgaram-no. Em suma, nenhum dos adultos com os quais Freud precisou contar foram capazes de oferecer-lhe proteção e segurança. Eles falharam com Freud de uma maneira ou de outra. Meus estudos mostram que crianças precisam de modelos de confiança e figuras adultas para dar forma a uma representação de Deus que seja acreditável. Freud não teve essa experiência. Ele sentiu que tinha que tomar

conta dele mesmo, sozinho. Para ele, em suas palavras, “não há nenhuma Providência” para prestar atenção nele. Como cientista, ele acreditou apenas nos métodos científicos que implica que tudo que não é provado cientificamente não existe. Esse segundo fator contribuiu para consolidar sua descrença na existência divina.

***IHU On-Line* - Qual a imagem que Freud tinha de Deus?**

Ana-Maria Rizzuto - Eu não analisei Freud. Minha resposta não vem da exploração de sua mente, mas dos acessos indiretos que tive a seus escritos. De sua experiência, Freud concluiu que Deus descrito pela religião como uma divindade que nos protege, não existe. Na consciência dele, a representação de Deus clamava por um aspecto de proteção. A experiência emocional de Freud indicava para ele que nenhuma das figuras paternas nem os adultos de sua vida foram capazes de protegê-lo das perdas profundas e do sofrimento. Ele não teve experiências para formar sua crença na representação da providência e proteção de Deus.

***IHU On-Line* - Quem é Deus para Freud? Como definir Deus pelo olhar da psicanálise?**

Ana-Maria Rizzuto - Freud demonstrou com material clínico que Deus e a opinião religiosa eram formadas como resultado da transformação das representações paternas, assim como no complexo de Édipo. Tal conclusão foi a mais significativa contribuição de Freud para a psicologia da religião. Pesquisas no mundo todo confirmaram as conclusões de Freud. Para Freud, Deus é construído sobre a representação do pai. Ele dizia que Deus é “uma exaltação do pai”, “uma sublimação do pai”, “um substituto do pai”, “uma cópia do pai” e finalmente que “Deus é o pai”. Freud negligenciou

examinar o significado da mãe na formação da representação de Deus. Psicanálise é uma disciplina empírica e teórica. Sua metodologia não permite nenhuma conclusão sobre a existência de alguma divindade, pois tal divindade não pode ser sujeitada à pesquisa empírica. Apesar de tudo, psicanalistas observam que as pessoas acreditam em Deus ou que elas rejeitam Deus. Isso significa que elas têm uma representação de Deus que foi formada em suas mentes durante seu processo de crescimento. Acreditando ou não, a real existência de Deus não faz parte da psicanálise. E isso está diretamente relacionado com a qualidade das nossas relações emocionais com nossos pais, adultos e figuras religiosas.

***IHU On-Line* - Deus e Freud estão em campos opostos?**

Ana-Maria Rizzuto - Não. Freud elucidou as Escolas de Psicologia da crença em Deus e a elaboração psíquica da representação da divindade. Freud, o homem, poderia não acreditar por causa de suas próprias experiências, cultura e circunstâncias científicas. Ele foi convencido de que a religião era essencialmente uma defesa baseada na projeção da figura paterna dentro de uma proteção e providência de Deus. Ele acreditou que a ciência poderia ajudar seres humanos a desistir da religião e renunciar ao desejo por proteção, como ele escreveu em *The Future of an Illusion*. Nas últimas décadas, a psicanálise aceitou e ampliou as dinâmicas freudianas no entendimento da formação da representação de Deus e aceitou que crença e necessidades espirituais são componentes significativos dos seres humanos.

O aguilhão Freud. Crítica e superação da religião?

POR HERBERT WILL

Por ocasião do 150º aniversário de nascimento de Sigmund Freud (Moravia 1856 - Londres 1939), traduzimos e reproduzimos o texto a seguir, de Herbert Will, da Alemanha. O texto foi publicado em Teologi@Internet, da Editoria Queriniana, de Bréscia, na Itália, em 29-09-2006.

Por ocasião do 150º aniversário do nascimento de Sigmund Freud (Moravia 1856 - Londres 1939) celebram-se em todo o mundo, em particular no mundo de língua alemã, jornadas de estudo sobre sua obra e sobre seu legado cultural. Um Seminário de estudo foi realizado na Academia Católica de Munique, na Baviera, onde sua obra foi examinada sob o perfil religioso. Apresentamos em síntese a relação do Dr. Herbert Will, docente na Academia de psicanálise e psicoterapia em Munique. Sobre o mesmo tema se pode consultar: Heinz Zahrt, O desafio da moderna crítica da religião (GdT 133); e Hans Zirker, Crítica da religião (GdT 187). Cada um destes dois livros do Jornal de Teologia dedicam um capítulo à crítica da religião desenvolvida por Freud.

Em sua contribuição para a revista *Concilium*, Paulo Ricoeur, filósofo francês da religião, exprime o pensamento que Freud, com sua crítica da religião, interpele profundamente o homem de hoje. Isso teria a ver com a intenção de Freud de revelar o homem a si mesmo. Nós, no entanto, estamos ainda amplamente longe, sustenta Ricoeur, de ter feito nossa a verdade do freudismo sobre a religião. A via freudiana do autodesvelamento é um percurso áspero. Porém vale a pena, porque através dele chegamos a um reconhecimento mais intenso do homem como homem.

Gostaria de assumir este pensamento de Paul Ricoeur. A posição de Freud perante a religião é

pronunciadamente unilateral e monomaniaca - coisa que, em meu parecer, não acontece somente nele, mas em todos nós, porque em nosso modo pessoal de relacionar-nos com a religião se articulam às nossas mais profundas convicções vitais. Freud considera a religião do ponto de vista de um cientista ateu. Este ângulo visual, no entanto, não se limita à religião, mas contradistingue todo o comportamento da sua psicanálise como projeto, o último grande projeto do iluminismo, como o evidenciou Peter Gay (1987). “Por que ninguém, entre todas as pessoas piedosas, criou a psicanálise? e por que foi preciso esperar um judeu totalmente sem deus?”, escrevia Freud ao pároco e analista suíço Oskar Pfister (Carta de 9.10.1918).

Contra ilusões

Gostaria de dirigir um breve olhar ao desenvolvimento do trabalho de Freud, porque isso mostra quanto sua teoria da religião se situa no complexo do seu pensamento. Nos seus estudos sobre a histeria, ele se interrogara de onde proviriam os enigmáticos sintomas da doença histérica, em particular os sintomas físicos da paralisia ou da cegueira. E descobriu que estes sintomas representam uma cobertura atrás da qual estavam escondidas reminiscências, recordações de experiências altamente conflitantes, que tinham sido removidas e de novo emergiam na forma transposta do ocultamento sintomático. Conseguindo trazer à luz e desdramatizar o

conflito originário, o sintoma da doença ter-se-ia tornado supérfluo.

Na *Interpretação dos sonhos*, Freud chega a uma compreensão dos sonhos na qual o sonho manifesto - aquele do qual nos recordamos e que podemos contar - analogamente ao sintoma da doença, representa também ele uma superfície sob a qual as idéias oníricas latentes são os verdadeiros e próprios agentes do evento onírico. Também aqui são motivações dinâmicas, inconscientes que determinam o processo do sonhar, com suas coberturas e fraturas. O sucessivo grande estudo de Freud sobre a *Psicopatologia da vida cotidiana* mostra, num outro campo, como o esquecer, o substituir uma palavra por outra - o famoso “ato falho” freudiano - a superstição e o erro funcionam igualmente segundo este modelo. No ensaio sobre o movimento do espírito e sua relação com o inconsciente, trabalho que lhe era particularmente caro, desenvolve suas interpretações dos movimentos do espírito precisamente a partir daquilo que, incompreendido e incoerente, improvisamente se torna manifesto e move ao riso.

Enfim gostaria de recordar os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Aqui Freud aprofunda sua tese sobre o significado central da sexualidade infantil. Ele levanta a questão da razão pela qual a sexualidade das crianças tenha sido tão pouco reconhecida em seu significado e a reconduz, de um lado, ao modo convencional dos seus contemporâneos de considerarem a sexualidade como conseqüência de sua educação pessoal e de suas concepções morais e, de outro lado, a um fenômeno psíquico que, para a maior parte das pessoas, se não todas, esconde os primeiros anos de sua infância até o sexto ou oitavo ano: a amnésia infantil, a perda da lembrança dos primeiros anos de vida. Esta se refere agora precisamente às impressões que deixaram as marcas mais profundas em nossa vida psíquica e que se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento ulterior. São precisamente estas que

são esquecidas, ou antes, como Freud as elabora, removidas. Aqui radica, em última análise, o processo da remoção - o surgimento de conflitos interiores ansiógenos e sua localização no inconsciente - como um processo normal na nossa biografia e subjetividade.

Com a psicanálise, Freud desenvolve como que uma ciência das dimensões de nossa vida psíquica que nos são desconhecidas, dificilmente acessíveis e, no entanto, sumamente ativas. Podemos definir a psicanálise como a ciência daquilo que nós não queremos saber. A superfície não constitui aquilo que é autêntico, as forças da vida psíquica operam do que é escondido. Essas coisas não são, de fato, acessíveis, mas se opõe, ao invés disso, à nossa percepção, expressando-se de forma transposta.

Disso se nutre o *pathos* iluminista que caracteriza a psicanálise: esta se esforça por indagar e falar daquilo que nós não queremos saber. Formula a tese que a imagem que temos de nós mesmos consiste em grande parte de ilusões. Se descobrirmos as motivações incôscias sobre as quais se baseiam as nossas idéias, estas ilusões desaparecem como neblina no sol. Somente se nos desencantarmos das nossas ilusões, aprenderemos a conhecer-nos realmente. Situa-se também da parte de Freud, o modo de ver a religião. Sua teoria da religião não é, de fato, uma cisma pessoal, e sim uma coerente e corajosa continuação de sua abordagem psicanalítica.

O gênero humano cria para si as suas divindades

A psicanálise liberou a impertérrita e desbordante produtividade de nossa vida psíquica. Nós produzimos sintomas, produzimos sonhos, substituições de palavras, atos falhos, remoções, fantasias sexuais, arte, literatura, e produzimos também religião. Do ponto de vista de Freud, a religião é uma produção do ser humano e, precisamente, uma produção tanto individual como coletiva. Freud afasta Deus de uma realidade transcendente e o localiza na experiência intrapsíquica. Ele conceitua a religião como uma criação do homem.

Em Immanuel Kant já se pode encontrar a formulação: “Soa, na verdade, como suspeito, mas, não é de fato irrefutável dizer que cada um se faz um deus”. Freud assume agora o empenho de elaborar a modalidade e de dar nome aos motivos segundo os quais as pessoas criam para si as suas divindades.

Ao fazer isso, ele, de resto, não está só. Ele antes faz parte daquele movimento que, em seu tempo, a psicologia da religião desenvolveu como disciplina especializada. Com os seus contemporâneos ele começou a formular um contexto científico e uma linguagem para dizer o que Nietzsche aforisticamente chamou de morte de Deus. Agora se diz que Deus desaparece como óbvia grandeza transcendente, que constitui o horizonte para a experiência do mundo dos homens - o Deus do além - e ressurgem como grandeza psicológica. A era de Freud é caracterizada pela descoberta do nosso mundo interior e também a religião é agora desenvolvida como parte do mundo interior humano.

Antes de aprofundar a psicologia da religião de Freud, gostaria de recordar os escritos que nos podem interessar. Sobretudo, *Comportamentos obsessivos e práticas religiosas* (1907), no qual ele compara o comportamento religioso, entendido como uma neurose coletiva, à neurose individual dos neuróticos obsessivos. Em 1912 e 1913, ele escreve *Totem e Tabu*, onde realça algumas correspondências na vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos. Aqui ele se confronta indiretamente com Carl Gustav Jung e discute, com base num material variado tomado da etnologia, o pensamento processual primário. Enfim, ele desenvolve a hipótese histórico-religiosa de que cultura e religião tenham emergido de um evento originário pulsional: o assassinio primordial - o parricídio da horda primitiva e as tentativas que lhe seguem de superar esta ação primordial e, ao mesmo tempo, da culpa, das rivalidades, da dinâmica sacrificial e assim por diante. Aqui já se torna claro aquilo que sempre mais emerge em primeiro plano nos escritos

posteriores de Freud sobre a religião. É a necessidade de resolver o problema da agressividade e da destrutividade dos homens, e de reconduzi-lo a limites aceitáveis, o que para ele se torna o núcleo central do fato religioso. A religião serve para refrear o furor destrutivo dos homens.

O Futuro de uma ilusão, de 1927, é o escrito mais conhecido de crítica à religião. Freud endurece ainda mais sua linha de pensamento na lição de 1933, *Sobre uma visão do mundo*. Nela argumenta que a psicanálise deve proceder polemicamente contra a religião, porque esta permaneceu como o inimigo mais sério da ciência, combate o amor pela verdade e, em lugar dos conhecimentos sempre provisórios e fragmentários da ciência, tende a propor um sistema ideológico onicompreensivo e intolerante.

Em *O diálogo da civilização* (1930), Freud se ocupa do sentimento oceânico, do qual falara Romain Rolland. Admite que pessoalmente, no que diz respeito a este sentimento nada pode fazer e aos sentimentos religiosos e às situações emotivas subjetivas ele não concede nenhum valor geralmente válido.

O homem Moisés e a religião monoteísta (1939) surgiu originariamente indicado por Freud como romance histórico. É um estudo histórico-religioso e psicoistórico altamente especulativo. A tese de Freud é que Moisés não era de fato um hebreu, e sim um nobre egípcio que conduziu para fora do Egito a tribo semítica, deu-lhe como religião o monoteísmo espiritualizado do faraó egípcio Echnaton e, no entanto, por motivo de suas elevadas pretensões, foi morto pelos semitas. Estes, depois, misturaram o seu rígido monoteísmo com a popular divindade dos vulcões, Jahwe, [Javé]. O delito produziu, no entanto, os seus efeitos. Num reemergir do removido se impõe de novo, numa etapa sucessiva, o deus altamente espiritual da religião de Moisés, que domina até hoje o hebraísmo. Esta tese do assassinio do pai como origem de religião e cultura, tomada de *Totem e Tabu*, é aqui historicamente aplicada à pessoa do

homem Moisés. Hoje é claro que a construção de Freud, considerada do ponto de vista histórico, é falsa. Como concepção psicoistórica ela é, todavia, muito discutida. Principalmente a tese de Freud que traumas originários da história da humanidade e experiências coletivas primordiais sejam transferidos para uma memória cultural e - reemergindo do inconsciente - se tornem cultural e histórico-religiosamente criativas, é uma tese que encontra muita ressonância (cf. a discussão sobre os trabalhos de Jan Assmann).

Cada pessoa cria o seu próprio deus

Vimos que o modo de ver a religião da parte de Freud tem duas perspectivas: uma histórico-religiosa e psicoistórica e uma outra individual. Dediquemo-nos agora a esta segunda perspectiva, a gênese do desejo religioso. Cada pessoa, assim sustenta Freud, cria sua própria fé religiosa com os seus desejos mais profundos. Cito uma passagem de *O futuro de uma ilusão*, na qual Freud toma em consideração a gênese psíquica das idéias religiosas:

“Estes, que se consideram como princípios, não são reflexos da experiência ou resultados do pensar, são ilusões, invenções dos desejos mais antigos, mais fortes, mais prementes da humanidade; o mistério de sua força é a força destes desejos. Sabemos já que a impressão terrificante da impotência infantil suscitou a necessidade de proteção - proteção graças ao amor - a cujo encontro veio o pai, e o conhecimento do perdurar desta impotência por toda a vida causou o agarrar-se à existência de um outro pai, agora um pai mais potente. Através da ação benévola da divina providência, a angústia diante dos perigos da vida é abrandada, a introdução de uma ordem moral universal assegura a satisfação da exigência de justiça, que no interior da civilização humana permaneceu tão freqüentemente incompleta, a projeção da existência terrena numa vida

futura fornece o contexto local e temporal no qual estes desejos devem ser satisfeitos. Respostas e interrogações enigmáticas da humana curiosidade, por exemplo, sobre o nascimento do mundo e a relação entre corpóreo e psíquico, são desenvolvidas pressupondo este sistema; e representa uma grandiosa facilitação para a psique individual saber que os conflitos da idade infantil, jamais de todo superados, que brotam do complexo do pai, lhe são subtraídos e reconduzidos a uma solução por todos aceita”.

E ainda uma citação: “Nós dizemos, pois, que uma fé é uma ilusão se, em sua motivação, se evidencia a satisfação de desejos, e prescindimos neste de sua relação com a realidade, da mesma forma como a ilusão renuncia à sua autenticação”.

Pois bem, Freud não é de parecer que todo indivíduo singular possa criar-se livremente a própria, partindo do seu íntimo. Isso antes acontece de um processo de apropriação ou de recusa da tradição cultural na qual crescemos. É a cultura que cria as concepções religiosas. Ela confere a cada um estas idéias, “ele as encontra já existentes, elas lhe são fornecidas já prontas, ele não estaria em condições de encontrá-las sozinho. É a herança de muitas gerações na qual ele entra e que ele assume como a tábua pitagórica, a geometria e outras coisas”.

Não nos surpreenderá o fato de que Freud proponho, no final, deixar perder-se este mundo ilusório do desejo. Ele se propõe agora como um severo educador da humanidade e indica os princípios doutrinários religiosos, por assim dizer, como sobras neuróticas da humanidade. Hoje estaremos na condição de reconhecer tudo isso e de a isso renunciar, substituindo-o por uma espiritualidade mais elevada, que ele caracteriza com o primado da razão, uma educação à realidade e uma modéstia que sabe reconhecer a limitação e a provisoriedade de todos os nossos conhecimentos.

Freud permanece também aqui um incorruptível e

intrépido racionalista, quando se volta polemicamente contra o obscurecimento, a embriaguez e a narcotização em funcionamento dos sentimentos religiosos. Como escreve a Oskar Pfister, ele atribui a toda espécie de fé religiosa uma parcela de infantilismo que não foi superada. De superar estes modos infantis de pensar e de sentir, todavia, são capazes somente poucas e fortes personalidades, as quais conseguem renunciar à consolação da religião (Carta de 26.11.1927).

Para uma avaliação de Freud

Gostaria de retomar a afirmação de Paulo Ricoeur, de quanto seja centralmente importante o autodesvelamento que Freud estimulou, se quisermos hoje falar da religião de modo verídico. De Freud em diante tornou-se sempre mais evidente que toda nuance da fé religiosa é, no mais profundo, mesclada com nossos pessoais desejos, angústias e conflitos, e é por eles plasmada. A religião é uma íntima expressão da nossa subjetividade.

Isso naturalmente não vale somente para pessoas religiosas, mas também para os ateus. Freud não considerou este aspecto e, no entanto, seu desafio vale também para ele mesmo. Um ponto de vista não-religioso também é expressão de convicções pessoais, que, de algum modo, se formaram no confronto com a religião dos pais. Se uma pessoa não-religiosa aduz motivos puramente racionais para justificar seu comportamento, isso é, então, superficial da mesma forma como a ilusão religiosa.

Na ciência da religião, há uma ampla discussão sobre o problema dos *insider* e dos *outsider* no modo de considerar a religião. Em sua teoria da religião, Freud se posiciona continuamente como um *outsider*, que olha a religião de fora, reflete sobre ela e a julga, e ao fazer isso assume um ponto de vista “objetivo”, de distanciamento. Eu penso que isso lhe tornou possível o olhar agudo e perspicaz que lhe é próprio.

No entanto, penso também que isso o impede de colher depois emotivamente o mundo do religioso e desta forma

penetrar nele de um modo mais profundo. Nós estamos hoje em condições de uma reflexão metodologicamente mais adequada de quanto fosse possível ao tempo de Freud. Penso que, quem hoje se confronta com a religião, do ponto de vista psicanalítico, deve estar na condição de poder assumir ambas as posições, seja aquela de um *outsider*, como também aquela de um *insider*. Gostaria de recordar brevemente os métodos psicanalíticos que nos podem ajudar a tornar-nos *insider* de modo mais reflexo. São a capacidade de pôr-se diante do problema e a intersubjetividade com a qual nós podemos entrar, como pesquisadores, na vida da religião, coisa natural e de novo algo diverso de um comportamento religioso privado.

Gostaria de ressaltar três âmbitos temáticos aos quais Freud, por causa de sua limitação, não encontrou nenhum acesso. Pessoas religiosas exprimem quase sempre a idéia de que o dinamismo na religião “provém de Deus” e que é centralmente importante “abandonar o próprio Eu” ou mesmo “deixar morrer o Ego”, para abrir-se àquilo que provém da esfera transcendente. Não penso que o conceito freudiano de projeção baste para clarear este fenômeno. A práxis religiosa contempla quase todas as partes técnicas que visam faticamente a uma transformação ou transgressão. O conceito de Freud da regressão a um infantilismo não é, de fato, suficiente para dar conta destas correntes progressivas da práxis religiosa. Os fatores emocionais da religião - tanto as profundas convicções com ela conexas, como também o que de William James em diante é designado como experiência religiosa ou o que Romain Rolland chamou de o sentimento oceânico - esta vivência emocional das pessoas religiosas dificilmente pode ser entendido por Freud. São traços específicos essenciais que constituem precisamente a peculiaridade da religião, em relação às quais ele permanece pleno de incompreensão. Isso não diminui, no meu modo de ver, sua posição. Ninguém pode ter tudo presente. A unilateralidade de Freud é um agulhão que não deixa em paz, uma vez que punziu.

Teologia Pública

Retorno religioso

ENTREVISTA COM CLAUDE GEFFRÉ

Nesta semana, a Teologia Pública entrevistou o professor honorário do Instituto Católico de Paris, Claude Geffré. A entrevista foi concedida por e-mail.

IHU On-Line - Nos últimos anos observamos um grande aumento dos estudos das religiões. Como o senhor avalia isso?

Claude Geffré - Ao menos na Europa, pode-se falar há três ou quatro décadas de um *retorno do religioso*. Ele coincide com certa crise da *modernidade* se, por modernidade se entende uma razão convencida de si mesma e em conflito com toda tradição e toda fé religiosa. No final do século XX, vários pensadores denunciaram a deriva da razão magnificada pelo *Aufklärung*¹, uma razão que se esgota na sua porta instrumental, uma razão que teve como saída fatal as diversas formas de totalitarismo. E, nos países como a França, constatam-se os limites de uma sociedade completamente secularizada e de um laicismo militante e anticlerical que era um tipo de quase religião republicana. Está-se em busca de um laicismo aberto que compreende que o “religioso” é uma dimensão intrínseca da cultura. Se, fala-se à vontade de *pós-modernidade*, é justamente para designar a pesquisa de uma racionalidade mais fundamental que não seja redutível nem à racionalidade conceptual nem à racionalidade formal das ciências. A ordem do *razoável*, que é da ordem da ética e do político não está em oposição fatal com o religioso. Mas fala-se das sociedades da América do Norte ou da América do Sul. Estas jamais conheceram

uma completa secularização, comparável à da Europa. É por isso que é impróprio falar de um *retorno ao religioso*. Seria mais apropriado tentar evocar um despertar do fundamentalismo. Ele coincide com o sucesso das igrejas evangélicas pela reação contra a excessiva permissividade moral das sociedades modernas, para conjurar a ameaça do terrorismo internacional e da exploração de nosso meio ambiente.

IHU On-Line - Que conceito de religião orienta sua reflexão enquanto teólogo? Como o senhor fundamenta este conceito e que consequência tem isto para pensar as religiões no atual contexto sociocultural?

Claude Geffré - A palavra e a noção de “religião” têm uma origem ocidental. A palavra remonta a Ciceron (*relegere*) e a Lactance (*religare*). E é certo que a noção de *religião* para designar uma dimensão estrutural da vida dos indivíduos e das sociedades originou-se de uma utilização corrente a partir do século III sob a influência do cristianismo. Não existe uma palavra para designar a religião nas línguas indo-européias. E muitas sociedades, na África e na Ásia ignoravam a palavra e a noção de *religião*. A noção de religião pressupõe, na verdade, uma distinção clara entre o sagrado e o profano, distinção que deve muito à noção de *criação* que é inerente ao monoteísmo judeu-cristão. Mas, se é verdade que a noção de religião não é universal, não é cair no

¹. Iluminismo (N.T.)

europocentrismo utilizar hoje a palavra “religião” para designar bem além da civilização ocidental, seja os fenômenos religiosos, seja o próprio registro da vida individual. Como teólogo, recuso uma definição puramente sociológica ou funcional da religião e sou tentado a discernir em todo ser humano um registro próprio que não é redutível aos domínios do político, da ética ou da estética. Há em todo ser humano uma capacidade fundamental ou uma abertura a um absoluto transcendente que foge à imanência da consciência e da história. Mas pode-se falar de experiência religiosa sem que este absoluto seja determinado como um Deus pessoal. Pode-se tratar do *Deus otiosus* das religiões africanas, da Realidade suprema além dos fenômenos como no hinduísmo, do Vazio como no budismo, ou do Tao chinês.

IHU On-Line - O que o motivou, como teólogo cristão, a tratar da questão das religiões - no livro *Avec ou sans Dieu?* - em diálogo com o filósofo Régis Debray?

Claude Geffré - Na obra, *Avec ou sans Dieu*¹?, aceitei dialogar com o filósofo agnóstico Régis Debray, porque, como mediólogo, ele está muito preocupado em mostrar a permanência do fenômeno religioso nas sociedades modernas. Nisso, ele mantém sua distância em relação ao cientismo e ao laicismo de certo número de representantes das *Luzes* que ainda confundem o religioso com certo obscurantismo. Além disso, encarregado pelo ministério francês da Educação nacional de um relatório sobre o ensino do *fato religioso* na Escola, quis mostrar a importância do “religioso” como parte constitutiva da cultura em geral. E, contrariamente à mentalidade dominante dos professores do ensino público, que professam uma neutralidade absoluta em matéria religiosa, sobretudo no caso do cristianismo, ele provou que não somente era possível, mas necessário ensinar o *Fato religioso* sem cair no

confessionalismo ou apologética. Tratava-se, segundo seus próprios termos, de substituir um *laicismo de incompetência* por um *laicismo de inteligência*. Mas apesar do título de nossa obra comum, nosso diálogo não diz diretamente respeito à questão do ateísmo. Estamos os dois convencidos da importância do fenômeno religioso na vida das sociedades e dos indivíduos, mas divergimos sobre a natureza da religião. E é por isso que o verdadeiro título de nosso livro poderia ter sido também: *La religion avec ou sans Dieu*²?

IHU On-Line - Resumidamente, em que consiste sua abordagem hermenêutica das religiões?

Claude Geffré - Como mediólogo, Régis Debray se interessa antes de tudo pela religião como *laço social*. É a religião que favorece a coesão e o dinamismo do grupo humano. Seja ele benéfico ou maléfico, é o *sagrado* que caracteriza a vitalidade de toda sociedade humana. É a tese que é subjacente em seu grande livro que tem justamente por título, *O fogo sagrado*. Como teólogo e hermeneuta, interesse-me, sobretudo pelas religiões na questão do *sentido*. Abordo então as religiões com base em seus textos fundadores e de suas tradições interpretativas. E, se considero também necessárias suas práticas, seus rituais e sua liturgia, interesse-me pela intencionalidade religiosa que revela ou manifesta esta proliferação de gestos sagrados.

IHU On-Line - Como o senhor situa o lugar e/ou a função da religião na vida dos indivíduos e da sociedade? Considerando a especificidade de sua posição como teólogo, o que o senhor faz questão de enfatizar como acordo e desacordo entre seu pensamento sobre as religiões em relação e o pensamento de Régis Debray?

Claude Geffré - Interrogar-se sobre a função da religião na vida dos indivíduos e das sociedades, é

¹ N. T: *Com ou sem Deus?*

² N. T: *A religião com ou sem Deus?*

limitar-se a uma abordagem sociológica e psicológica da religião. É - o que me parece - a abordagem de Régis Debray mesmo se ele afirma ser um discípulo de Durkheim. Ele se interessa primeiramente pela *utilidade social* da religião. Eu prefiro me situar do ponto de vista de uma *antropologia religiosa* que se interroga sobre a irredutibilidade da dimensão religiosa do fenômeno humano. Isso não revela nem o *ter*, nem o *poder*, mas o *valer*, em questão de sentido, mas não se trata de questões sem respostas. É mais precisamente a resposta a um apelo que vem de fora e precede-nos sempre. Mesmo se a religião é necessariamente um fenômeno coletivo, não posso dissociar a religião da experiência religiosa, pois não há experiência religiosa - ao que me parece - sem experiência de certa gratuidade, comparável à experiência de um amor incondicional ou à experiência da beleza da natureza ou de uma obra de arte. Régis Debray vale-se de um conceito homogêneo do religioso através do tempo e do espaço. Sou mais sensível a um conceito diferenciado do religioso, segundo as épocas, as áreas culturais. Nas sociedades arcaicas, as sociedades sem Estado, a religião era um poderoso fator de coesão social e o homem religioso sentia-se sempre em dívida com relação aos poderes religiosos invisíveis. A história era como confiscada pela natureza plena de sagrado. A noção de *criação* na religião bíblica e a da *encarnação* de Deus no cristianismo favoreceu a emergência de um homem livre e responsável por sua história. Esta dessacralização do mundo que coincidiu com o sucesso do monoteísmo judeu-cristão nos convida a não definir exclusivamente a religião como fator de coesão social. Este movimento conduzirá no Ocidente a uma separação do poder religioso e do poder civil e mesmo a um fim do controle da vida dos indivíduos pela religião dominante. Isso, porém, não conduziria ao fim da religião como crença religiosa. Era mais precisamente uma busca da religião *de outra forma*, definida como uma relação não-alienante com um Deus pessoal.

IHU On-Line - Que caminhos o senhor aponta para a superação da violência e da dificuldade de comunicação entre as religiões no mundo de hoje?

Claude Geffré - A história religiosa da humanidade demonstra-nos que houve muito seguidamente uma ligação entre a religião e a violência. Hoje ainda, constatamos que uma grande religião como o islã pode conhecer uma deriva que chega a ponto de legitimar uma violência assassina em nome de Deus. Seguidamente denunciou-se a intolerância das religiões monoteístas na medida em que elas se reclamam de uma verdade revelada por Deus. Elas produzem o fanatismo religioso e o exclusivismo com relação aos membros das outras religiões. Todas as religiões, contudo, de fato, podem tornar-se violentas desde que elas sejam instrumentalizadas pelo poder político a serviço de uma terra, de uma raça, de uma etnia ou de uma nação. O diálogo inter-religioso tal qual existe já no começo do século XXI deve conduzir a uma conversa entre as próprias religiões ao invés de estarem a serviço de seus próprios interesses e de um espírito de conquista procurem uma emulação recíproca no serviço das grandes causas que solicitem a consciência humana universal: a defesa e a promoção dos direitos do meio ambiente do homem no mundo que está sob a ameaça de um caos ecológico. Não se trata de sonhar com um tipo de super-religião mundial que sacrificaria as riquezas particulares das diversas tradições religiosas, mas de salvaguardar sua própria identidade ao mesmo tempo que manifesta seu respeito e sua estima pela verdade dos outros. Não é cair no relativismo reconhecer que nenhuma religião, nem mesmo o cristianismo, não pode ter a pretensão de totalizar todas as riquezas de ordem religiosa disseminadas na pluralidade das vias religiosas.

IHU On-Line - Como o senhor vê as relações entre ciências e religiões? Que implicações isso tem para a

ética?

Claude Geffré - A credibilidade das grandes religiões do mundo está de fato abalada pelos novos resultados dos saberes científicos sobre a origem do universo e do fenômeno humano. Mas, cada vez mais, convém não confundir a originalidade de um ensino religioso em relação aos dados do saber científico. É precisamente o erro do fundamentalismo de procurar na Bíblia uma resposta sobre a origem e o fim do cosmos ou sobre a aparição do *homo sapiens*. Os textos bíblicos não nos fornecem uma resposta sobre a natureza do Big Bang original ou sobre a origem da vida. Eles contêm uma mensagem essencialmente religiosa. É o Papa João Paulo II que, diferentemente dos criacionistas americanos, afirmava que a teoria da evolução era muito mais que uma simples hipótese científica. Justamente é o próprio de uma abordagem hermenêutica da Escrita, distinguir bem a permanência de uma mensagem religiosa ou ainda uma revelação que interpela o homem atual e, também as “representações do mundo” que acompanham esta mensagem ao mesmo tempo que estas “representações” não fazem mais parte do credível disponível do homem moderno. Não é somente próprio de nossa representação do universo. É igualmente verdade de nosso saber inédito sobre as leis da reprodução humana, sobre a sexualidade, sobre as relações do homem e da mulher etc... Será necessário levar em conta no futuro de uma interpelação recíproca entre as exigências de uma técnica secular. Existe na verdade certo consenso da consciência humana universal sobre o que é propriamente contrária ao humano verdadeiro. E as religiões que não respeitam as aspirações da consciência humana são convidadas a uma reinterpretação criadora de seus textos fundadores e de suas tradições.

IHU On-Line - Que aproximações entre religião, arte e política o senhor considera importantes na cultura atual?

Claude Geffré - Na cultura moderna, a consideração do fator religioso é uma vantagem importante na paz social. Os decididores políticos devem respeitar a liberdade religiosa de seus concidadãos. Deve ser possível promover uma cidadania que assume um pluralismo religioso e cultural cada vez maior. Este pluralismo deve enriquecer uma sociedade civil que, antes de ainda fazer apelo a um Estado-providência da prova de criatividade na área do serviço dos mais necessitados e dos excluídos de nossas sociedades modernas sob o signo do perfil e da obsessão da conquista. Além disso, ante os conflitos intermináveis que ensangüentam o Oriente Médio, é de responsabilidade histórica de os homens políticos denunciarem os fanatismos religiosos, de fazerem ouvir a voz da razão, de lembrarem as exigências do direito internacional e de praticarem a arte do compromisso. Não há paz entre os povos sem justiça e não há justiça sem perdão. Enfim, não se deve jamais esquecer as relações estreitas entre a religião e a arte caso se queira salvaguardar o imenso patrimônio cultural da humanidade. O fogo sagrado das religiões esteve na origem de uma formidável explosão de formas simbólicas na área da escultura, da pintura, da arquitetura. É fato nas *artes primitivas* nas civilizações mais antigas; é fato em Sumer e no Egito; é fato nas grandes religiões do Extremo-Oriente; é fato no Ocidente da Idade-Média latina e no Renascimento. É sempre o caso das formas mais abstratas da arte sacra contemporânea. No domínio da literatura, da ficção e do cinema, a liberdade de expressão e então de crítica das crenças e das práticas religiosos tornou-se total. Esta crítica pode estar no limite da blasfêmia. Tal limite não pode ser superado se ele fere gravemente a sensibilidade de tal grupo religioso e compromete a ordem pública de uma sociedade democrática sob o signo da pluralidade religiosa.

Entrevistas da semana

Arendt e a reflexão sobre a violência política

ENTREVISTA COM BAT-AMI BAR ON

Dando continuidade à discussão suscitada pela edição 206 da IHU On-Line, publicada na semana passada, em 27-11-2006, a professora de Filosofia e Estudos das Mulheres na Universidade de Binghamton, em Nova Iorque, Estados Unidos, Bat-Ami Bar On foi enfática na entrevista exclusiva que concedeu: “Arendt é a grande referência teórica para uma reflexão mais profunda acerca da violência política”, e ela certamente reagiria à iconização da qual está se tornando protagonista. Arendt “acreditava que seu pensamento e sua obra ocupavam um espaço híbrido entre teoria, história e, às vezes, jornalismo”.

*Ph.D. pela Ohio State University, Bar On leciona em Binghamton, desde 1991. Suas áreas de pesquisa e ensino são teorias da violência, teoria social e política e filosofia sociopolítico feminista. Suas publicações incluem as obras *Daring to Be Good: Essays in Feminist Ethico-Politics*. New York: Routledge, 1998; *Jewish Locations: Traversing Racialized Landscapes*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2001 e *The Subject of Violence: Arendtean Exercises in Understanding*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2002. Publicou, ainda, inúmeras antologias e artigos de jornais.*

IHU On-Line - Qual é a atualidade do pensamento de Arendt para a construção de uma ética-política feminista?

Bat-Ami Bar On - Creio que Arendt teria desaprovado o termo “ética política”, devido à distinção por ela estabelecida entre “ética” e “política”. Isso não significa que a política, na visão de Arendt, fosse destituída de valor e meramente uma área de poder. Ao contrário. Arendt foi uma das teóricas do século XX que considerava a política normativa. Foi, também, uma das teóricas políticas mais importantes desse mesmo século. O fato de Arendt ser uma escritora prolífica (o que ela julgava uma incapacidade de conseguir pensar sem escrever)

deixou como legado uma grande variedade de fontes escritas disponíveis à análise e ao uso das feministas para acompanhar a discussão acerca de políticas normativas, e as feministas têm se utilizado dos *insights* de Arendt, e também dos *insights* de outros grandes teóricos. Arendt exerceu grande influência nas obras de Seyla Benhabib, Iris Marion Young e Maria Pia Lara, que nela encontraram aspectos únicos quanto ao entendimento da esfera pública e à ênfase no discurso como ação na política, e na própria ação. Iris Marion Young também recorreu a Arendt em sua reflexão sobre poder, responsabilidade política e moral, e a diferença entre ambas. Kathleen Jones viu em Arendt uma fonte de inspiração para

repensar a questão da autoridade. Shoshana Felman considera a obra de Arendt sobre o julgamento de Eichman importante para que se pense a respeito das leis. Em minha opinião, Arendt é a grande referência teórica para uma reflexão mais profunda acerca da violência política.

***IHU On-Line* - E quanto à participação política das mulheres, a filosofia arendtiana serve de parâmetro e inspiração?**

Bat-Ami Bar On - Penso que Arendt se oporia ao uso de sua tese como medida de conduta de quem quer que seja. Contudo, de fato ela acreditava que o diálogo, talvez nos moldes do diálogo socrático, era extremamente importante para a política. Assim, mulheres que desejem travar um diálogo político com Arendt, utilizando suas obras como um interlocutor, deverão encontrar nelas uma boa companhia. Arendt também acreditava que o discurso pode ser performativo, e algumas de suas obras podem ser bastante inspiradoras para as mulheres que admitem a possibilidade de envolvimento político. Leitoras dos relatos biográficos de Rahel Varnhagen e Rosa Luxemburgo encontrarão nestas duas personagens, na representação de Arendt, pelos perfis por ela retratados, exemplos de escolhas e atos muito comoventes.

***IHU On-Line* - Uma das grandes preocupações dessa filósofa em relação à Modernidade era a tentação do homem para a interiorização e a conseqüente perda do espaço público, ou a dignidade política. Essa preocupação ainda vale para o sujeito político contemporâneo?**

Bat-Ami Bar On - Esta é a razão para nos preocuparmos com o sujeito político contemporâneo. Arendt não se preocupava apenas com a tentação à interiorização. Preocupava-se também com a percepção que se tem da política e da participação política, as quais considerava

subjacentes à subjetividade política. A preocupação de Arendt se justificava, e deve ser nossa preocupação também, pois o que falta hoje, talvez ainda mais do que no passado, são incentivos internalizáveis para que se adentre a esfera política pública e lá se permaneça mesmo que não nos tornemos políticos profissionais. Nossos conceitos a respeito de uma boa vida não incluem a participação política contínua, e temos por hábito ver os políticos como pacientes ou possíveis herdeiros de uma parcela dos bens públicos. Não temos um senso de coragem política adequada a um envolvimento político contínuo, especialmente em épocas e locais não-heróicos. Também carecemos de uma noção de outras virtudes políticas.

***IHU On-Line* - A destituição do humano, à qual se refere Arendt, é um conceito atual? Podemos entender os totalitarismos do século XXI com essa denominação?**

Bat-Ami Bar On - Arendt acreditava na existência de um certo tipo de libertação humana típica da modernidade, dentre as condições possíveis do totalitarismo. Em suas afirmações a respeito da libertação moderna, Arendt tanto se assemelha quanto difere de Marx, compartilhando com ele a visão de que a atualidade destrói as emaranhadas teias das relações humanas. Estamos testemunhando uma nova versão de libertação, trazida pela globalização capitalista, que dilui não apenas o capital, mas também o trabalho. A libertação atual é uma condição possível do fundamentalismo dos dias atuais (religioso ou nacionalista) que possui características totalitárias.

***IHU On-Line* - A banalidade do mal como produto da execução autômata do burocrata moderno vale como argumento explicativo para os regimes de exceção que existem hoje? Ela criou esse conceito tomando em consideração como seu contrário o conceito kantiano de autonomia?**

Bat-Ami Bar On - "A banalidade do mal" não é, necessariamente, um efeito da burocratização. Arendt a define como um efeito da "insensibilidade," em sua opinião um traço de Eichmann, e de outros que ele apoiava, e um exemplo passível de generalização. Ser "insensível" como Eichmann é ser monológico devido a uma incapacidade de ver o mundo sob a perspectiva do outro e, em seguida, repensar as próprias crenças sob a luz do ponto de vista diverso. Este tipo de "insensibilidade" ou monologismo é comum, e para que não participemos dele, é necessário fazermos um treinamento e um retreinamento de nós mesmos "para sairmos em visita" a outras pessoas, diferentes de nós, de modo a torná-las parte de nosso senso comunitário sem, contudo, assimilá-las ao que já somos. Claro que o indivíduo "insensível" não é autônomo no sentido kantiano. Não é evidente, contudo, que o indivíduo "sensível" seja autônomo no sentido kantiano, isto é, um autolegisador que legisla leis universais sem o benefício da imaginação de como a vida pode ser sob outras perspectivas porque não existem outras perspectivas, exceto a perspectiva única e exclusiva da razão. O indivíduo "sensível" talvez seja alguém como Sócrates que, de acordo com Arendt, estava ciente da natureza dialógica do pensamento, e cuja descrição kantiana não era simples.

IHU On-Line - Arendt dizia que não era filósofa, mas que sua profissão era a teoria política. Quais são suas principais contribuições para se repensar a política na atualidade?

Bat-Ami Bar On - Arendt se distanciou da filosofia por acreditar que a própria filosofia, a partir de Platão, havia se distanciado da política. Porém, Arendt não se considerava apenas uma cientista política, pois criticava a ciência política na medida em que fosse conduzida sob pressupostos positivistas. Ela acreditava que seu pensamento e sua obra ocupavam um espaço híbrido

entre teoria, história e, às vezes, jornalismo. Eu penso que seu posicionamento em relação ao próprio pensamento e obra serve de exemplo sobre como conduzir o projeto de repensar a política de hoje, pois sugere idéias sobre como fazê-lo, não do ponto de vista da teoria ideal (como faz John Rawls), mas sem que se desista de um horizonte normativo, caracterizado, na visão de Arendt, por um profundo apreço pela liberdade. Há algo mais que se pode extrair de Arendt se nos dispusermos a repensar a política atual, e que está intimamente ligado ao que foi exposto acima, ou seja, devemos repensá-la sem idéias preconcebidas acerca do que é bom e certo, e devemos pensar sobre nossos conceitos acerca da política quando sobre ela refletirmos. Se tentarmos recorrer a Arendt para a obtenção de ferramentas conceituais específicas para que se repense a política, devemos submeter também essas ferramentas à reflexão crítica.

IHU On-Line - A própria Arendt sabia-se inclassificável nas escolas de pensamento tradicionais. Como ela absorve e supera as lições de seus mestres filosóficos (Husserl, Jaspers, Heidegger e Bultmann)?

Bat-Ami Bar On - Creio que Dana Villa fez um ótimo trabalho ao tentar mostrar como Arendt modificou a fenomenologia (especialmente a versão de Heidegger), ao mesmo tempo em que a organizou, na tentativa de compreender a política e os fenômenos políticos. Contudo, não é apenas o fato de Arendt ter ou não seguido seus mestres que determina a dificuldade em enquadrá-la nas escolas de pensamento tradicionais. As demais escolas de pensamento onde não pôde ser enquadrada eram políticas. Arendt não era liberal nem conservadora, e muito menos socialista. Tampouco era republicana, embora tivesse sido classificada como tal. Atualmente, alguns a consideram uma teórica agônica da democracia, uma classificação inexistente anteriormente e que parece mais adequada, contanto que se admita a

combinação ímpar das diversas influências sofridas por Arendt.

***IHU On-Line* - Em relação ao perdão, o entendimento de Arendt de que se perdoa o agente, e não o ato, pode dar espaço para se pensar em uma maior tolerância entre os seres humanos?**

Bat-Ami Bar On - Para mim, as idéias de Arendt sobre o perdão são bastante perturbadoras. Além disso, o perdão é essencial na complexa concepção de Arendt sobre política, pois é o perdão necessário para que os atores sejam libertados de seus atos anteriores, contanto que acarretem em alguma infração ou possuam conseqüências negativas. Arendt também salienta que não se pode perdoar todos os atores, pois certos atos são imperdoáveis. A classe de atos imperdoáveis inclui genocídio, tortura, assassinato de cunho político. A classe de atos perdoáveis que ela sugere parece trivial - têm de ser do tipo de pecado considerado por Jesus como ato perdoável. Mas talvez não o seja e Arendt, que já havia identificado a classe de atos imperdoáveis, na realidade nos convoca a considerar a maioria dos atos mais semelhantes aos pecados do que normalmente fazemos. Se for esse o caso, então eu creio que ela esteja nos convidando a cultivar um certo nível de

tolerância do qual atualmente não dispomos. Arendt, entretanto, teve um desafio maior. Ela não nos convidou a meramente tolerar (e nesse sentido suportar algo que sofreremos), mas a incluir, especialmente na esfera da política, a esfera que ela julgava ser a mais importante. Tolerância e inclusão são muito diferentes um do outro, e a tolerância não é uma condição para a inclusão. A inclusão pressupõe tratar os outros como nossos semelhantes ao mesmo tempo em que reconhecemos as diferenças. Na minha opinião, Arendt acreditava que se pudermos fazer isso, poderemos perdoar no sentido que interessa à política.

***IHU On-Line* - Gostaria de acrescentar algum aspecto não-questionado?**

Bat-Ami Bar On - Gostaria de externar minha preocupação a respeito da possível iconização de Arendt. Ela era uma grande pensadora e como tal deve ser tratada. Entretanto, existe a tendência de se iconizar grandes pensadores, algo que Arendt desaprovava. Grandes pensadores o são enquanto seu pensamento venha de encontro ao nosso, enquanto fizerem parte de nosso senso comunitário. Grandes pensadores podem pertencer a diversos sentidos comunitários ao longo do tempo e do espaço.

Um pensamento e uma presença provocativos

ENTREVISTA COM MICHELLE-IRÈNE BRUDNY

Segundo a filósofa francesa Michelle-Irène Brudny, tanto o pensamento quanto a presença de Hannah Arendt são provocativos: “Hannah Arendt é por vezes deliberadamente provocante, obrigando os outros à reflexão, sobre perspectivas inesperadas”. E continua: “Segundo Irving Howe, para citar apenas um exemplo, quando Hannah Arendt estava em um recinto, sua ascendência sentia-se por todas as pessoas presentes”. As afirmações, feitas por e-mail respondendo ao convite de entrevista da IHU On-Line, podem ser conferida na íntegra abaixo, com outras constatações que fez sobre a importância do pensamento de Hannah Arendt. A discussão faz parte do debate lançado pela IHU On-Line 206, de 27-11-2006, cuja matéria de capa foi dedicada à filósofa alemã. Para conferir a edição, basta acessar o site do IHU, www.unisinos.br/ihu.

*Brudny é autora de **Karl Popper: un philosophe heureux**. Paris: Grasset, 2002 e **Hannah Arendt ou la seduction. Essai de biographie intellectuelle**. Paris: Grasset, 2006. Leciona na Universidade de Rouen, França, e é uma das divulgadoras do pensamento arendtiano na França.*

IHU On-Line - Por que razão poucas vezes outro pensador teria desencadeado tantas paixões e sedução quanto Hannah Arendt? Seu pensamento é uma provocação?

Michelle-Irène Brudny - Eu não sei se poucos entre outros pensadores suscitaram tanta paixão, mas Hannah Arendt é uma pensadora freqüentemente polêmica, tanto mais por ter guardado um certo distanciamento em relação à filosofia tradicional, como ela disse em várias ocasiões e notadamente na entrevista com Gunter Gaus em 1964, na televisão alemã. Hannah Arendt é por vezes deliberadamente provocante, obrigando os outros à reflexão sobre perspectivas inesperadas. O exemplo mais conhecido de expressão de paixões no plural seria a controvérsia em torno de Eichmann em Jerusalém, tanto da parte de seus críticos quanto dela própria. Um certo número de questões éticas está igualmente em jogo de

*per si, e Léon Poliakov, o autor do célebre **Breviário do Ódio**, desde 1951, perguntou-se mais tarde se era possível debater de maneira inteiramente racional tais questões. Muitos escritores e críticos literários descreveram essa sedução, à qual gerações sucessivas parecem receptivas. Segundo Irving Howe, para citar apenas um exemplo, quando Hannah Arendt estava em um recinto, sua ascendência sentia-se por todas as pessoas presentes.*

IHU On-Line - Em que sentido não é possível dissociar a obra dessa filósofa de sua biografia? Ainda tomando em consideração a trajetória de vida de Arendt, como a influência de seus mestres filosóficos se revela e é superada na filosofia que desenvolveu?

O que a pesquisa que a senhora desenvolveu nos documentos inéditos de Arendt revelou sobre esse

aspecto? E por fim, há mudanças na filosofia de Arendt em função de seu período americano? Quais seriam essas mudanças?

Michelle-Irène Brudny - A vida de Arendt é como uma “encruzilhada” muito exposta. Sua juventude na Alemanha da República de Weimar, posteriormente em Paris, seu refúgio provisório na Paris dos exilados do nazismo, finalmente Nova Iorque e os Estados Unidos durante a guerra e na efervescência do pós-guerra. Sua primeira obra, após sua tese sobre o *Conceito do amor em Santo Agostinho*, é precisamente uma biografia, aquela de Rahel Varnhagen que mantinha um célebre salão em Berlim. Em seguida, aparece um longo manuscrito intitulado *Antisemitismus*, cuja publicação está brevemente prevista no tomo IV das obras póstumas, das quais Jerome Kohn é o incansável editor científico, com o título *The Jewish Writings*. Entre a maior parte redigida antes de 1933 de Rahel e *Antisemitismus* (1938-40), Hannah Arendt “milita” para salvar crianças judias. Esta dimensão militante perdurará, como salienta, de uma outra forma, Miguel Abensour.

Arendt explica que ela não antecipou o genocídio dos Judeus, cuja antecipação teria sido, inclusive, impossível visto que faltaria poder concebê-lo, mas que desde os anos de 1929-1930 todo seu mundo havia mudado, e ela compreendera quem era Hitler e o que ele fazia.

Seu período americano, que começa com a militância e o engajamento, também me ressurgiu na continuação do exílio em Paris. Uma das pistas para novas reflexões seria, em última instância, a distinção entre o político e o social que constitui, inclusive, um dos elementos essenciais de *Reflections on Little Rock*.

IHU On-Line - Qual é a maior contribuição dessa filósofa para inspirar a luta contra os perigos que rondam a democracia no século XXI? E sobre os totalitarismos que ainda existem nas sociedades, como a filosofia de Arendt pode auxiliar-nos a entendê-los e, sobretudo, a propor novas soluções políticas?

Michelle-Irène Brudny - O fato que o terrorismo, dito da Al-Qaeda, constitua o terceiro grande totalitarismo, é um problema e não uma afirmação, eis uma das mais importantes questões dos dias de hoje. A inspiração é simplesmente permanecer alerta, pensar o acontecimento, perceber o que é inédito e não remetê-lo ao que já é conhecido, como ela explica em seu artigo *Compréhension et politique*, de 1953, a propósito do totalitarismo. Esta vigília ou vigilância da reflexão não é tarefa fácil, visto que, como bem o sabemos, a história não se repete.

Livro da Semana

JOHNSON, STEVEN. 2003. *EMERGÊNCIA - A VIDA INTEGRADA DE FORMIGAS, CÉREBROS, CIDADES E SOFTWARES*. TRADUÇÃO: MARIA CARMELITA PÁDUA DIAS, RIO DE JANEIRO, JORGE ZAHAR EDITOR, 231 P.

Reproduzimos a seguir a resenha sobre o livro Emergência - a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares feita pelo professor de Filosofia e coordenador do Curso de Filosofia da Unisinos, Celso Candido. O título e subtítulos são nossos.

Emergência – a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares

Sobre o autor:

Steven Johnson, graduado em Semiótica e em Literatura Inglesa, é um jovem autor americano nascido no histórico ano de 1968. É autor dos livros: Interface culture: How New Technology Transforms the Way We Create and Communicate; Mind Wide Open: Your Brain and the Neuroscience of Everyday Life (apenas este ainda sem tradução no mercado brasileiro); Everything Bad is Good for You, além de Emergence: The Connected Lives of Ants, Brains, Cities and Software traduzido e publicado no Brasil como Emergência: a Vida Integrada de Formigas, Cérebros, Cidades e Softwares.

Emergência

Emergência é um livro que surpreende não apenas pela relevância de seus conteúdos e seu alto padrão estético literário, mas também pela sua densidade conceitual.

Tudo começa com o incrível *Dictyostelium discoideum*, “organismo semelhante a uma ameba”. Pesquisadores na área de matemática aplicada se empenharam em um

conjunto de estudos acerca do comportamento desse estranho organismo. Essas pesquisas, segundo Johnson, contribuiriam para “transformar a nossa compreensão não apenas da evolução biológica, mas também de mundos tão diversos como a ciência do cérebro, o design de software e os estudos urbanos”. (p. 10) O *discoideum* tem uma vida dupla e paradoxal. Ora ele é um, ora ele é muitos. Tudo dependendo das condições ambientais

favoráveis ou desfavoráveis que se lhe apresentem. “Quando o ambiente é mais hostil, o *discoideum* age como um organismo único; quando o clima refresca e existe uma oferta maior de alimento, ‘ele’ se transforma em ‘eles’. O *discoideum* oscila entre ser uma criatura única e uma multidão”. (p. 10)

Trata-se de um caso bastante curioso de “comportamento de grupo coordenado”. Mas como explicar este “misterioso comportamento”? Naturalmente, estamos acostumados a pensar em *top-down*, em líderes. Assim, a resposta predominante foi, durante longo tempo, a de que células líderes liberariam ondas de acrasina, a fim de fazerem as outras células se agregarem.

Mas, segundo Steven Johnson, o encontro de Keller com o trabalho de Turing abriu uma nova perspectiva. Turing construíra “um modelo matemático em que agentes simples seguindo regras simples eram capazes de gerar estruturas surpreendentemente complexas”. (p. 12) O *discoideum* talvez representasse um tipo de comportamento emergente, independentemente da iniciativa de qualquer “célula líder”. A hipótese da célula líder, entretanto, reinou até o momento em “que uma série de experimentos comprovasse que as células do *Dictyostelium discoideum* se organizavam de baixo para cima”. (p. 13) Sem dúvida, é surpreendente perceber como temos dificuldade de pensar “em termos de fenômeno coletivo”. Trata-se aqui, na verdade, de um comportamento tipo *bottom-up*.

A emergência é precisamente o “movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto” (p. 14). As formas de emergência apresentadas no livro são, então, aquelas que têm a qualidade de se tornarem mais inteligentes, mais adaptáveis e mutantes ao longo do tempo. De acordo com Johnson, a atual fase da teoria e da pesquisa sobre a emergência é a mais revolucionária de todas, pois, passadas a primeira fase, a da curiosidade

para entender o fenômeno da auto-organização, e a segunda, na qual a questão da auto-organização tornou-se um objeto de estudo em si mesmo, atualmente nós estamos deixando de interpretar o “fenômeno da emergência” para começar a criá-lo. “Até o momento, os filósofos da emergência lutaram para interpretar o mundo, mas agora estão começando a modificá-lo”. (p. 16)

O que a emergência tem a nos ensinar sobre o modo como surgem, organizam-se e evoluem as cidades, os cérebros, as corporações, os formigueiros, os softwares?

Colônia de formigas

Apoiando-se nos trabalhos de pesquisa de Deborah Gordon sobre sistemas complexos autocoordenados, Johnson vai apresentar o modo específico com que as colônias de formigas se auto-organizam, ou seja, o modo como constituem seu comportamento emergente coordenado. Aí, o primeiro mito a ser colocado em questão é o da “formiga-rainha”. Na verdade, a formiga-rainha não tem um papel de autoridade como se costuma pensar. Ela não comanda as ações das operárias, ao contrário, as “colônias estudadas por Gordon mostram um dos mais impressionantes comportamentos descentralizados da natureza: inteligência, personalidade e aprendizado emergem de baixo para cima, *bottom-up*” (p. 23). E sem líder, ou líderes, as formigas, através de relações colaterais e de *feedback* intenso constroem e organizam “por si mesmas” todo o trabalho do formigueiro, dando forma a um complexo sistema ordenado, com seus aposentos, suas conexões, seu “cemitério” e seu “lixão”.

O *comportamento emergente*, diz Johnson, é uma mistura de “ordem e anarquia”. Gordon queria entender a “conexão entre micro e macroorganização” em um sistema capaz de se autocoordenar sem que os indivíduos

tivessem “acesso à situação global”. Sem que nenhuma das formigas seja a responsável pela “operação global”, elas conseguem um alto grau de coordenação. São “comportamentos emergentes” em que as interações são colaterais e em que se presta atenção nos “seus vizinhos mais próximos” ao invés de ficar “esperando por ordens superiores”. As formigas agem *localmente*, mas a “ação coletiva produz comportamento global” (p. 54). Assim, entre as principais regras de um sistema bottom-up, encontramos a incessante tarefa de *prestar atenção nos vizinhos*.

A cidade como formigueiro

A cidade, como o formigueiro, é também um fenômeno emergente. E tem, no seu interior, seus próprios sistemas emergentes; os das calçadas, das vizinhanças, das praças, dos *shoppings*, nos quais interagem de modo informal e improvisadamente os cidadãos que nela habitam. A ordem e a vitalidade das cidades se definem também e em grande parte nesta forma social emergente. É o mundo das interconexões locais “conduzindo à ordem global; componentes especializados, criando uma inteligência não-especializada; comunidades de indivíduos solucionando problemas sem que nenhum deles saiba disto” (p. 69). A cidade é o conjunto das múltiplas interações locais que se misturam e formam a totalidade da vida urbana, apesar de ou ao lado com todos os planejamentos centralizados de tipo top-down.

A cidade como um “sistema emergente” é um “padrão no tempo”. “A cristalização de um fenômeno *bottom-up* que se mantém no tempo” é uma das principais “leis da emergência”. Outra não menos importante é que um sistema emergente é capaz de aprender, quer dizer, ele vai ficando mais inteligente com o tempo. A cidade, portanto, torna-se, segundo Johnson, “mais esperta, mais útil para seus habitantes. E aqui, outra vez, a coisa

mais extraordinária é que esse aprendizado emerge sem que ninguém tenha conhecimento dele” (p. 79).

World Wide Web

A World Wide Web é, tipicamente, um fenômeno emergente. Mas estará a Web realmente aprendendo, ficando mais inteligente, assim como as cidades e os formigueiros ficam? A Web é um típico sistema emergente, no qual o processo de *feedback*, ou seja, o das “conexões de duas vias” fomenta “a aprendizagem de nível mais alto”. O *feedback* intenso entre as formigas é o que torna possível o funcionamento inteligente do sistema. É o *feedback* que permite que o comportamento complexo ocupe o lugar do caos sem sentido. É ele que vai determinar a evolução do sistema para um nível superior de organização. A possibilidade de um círculo de feedback ocorrer “está diretamente relacionada à interconexão geral do sistema” (p. 99).

Na indústria do software, os modelos *bottom-up*, de que os sistemas *open source* são o melhor exemplo de criatividade coletiva emergente, tornaram-se uma realidade somente depois de décadas de seu nascimento. Sem dúvida, os sistemas emergentes não existem sem regras. Mas assim como os jogos e os instrumentos musicais, o conjunto de regras básicas relativamente simples pode evoluir para formas novas, mais complexas e imprevisíveis. Desse conjunto de regras abre-se um universo infinito de possibilidades.

A Web é um sistema aberto a infinitas possibilidades. Sem dúvida, ela também está se tornando mais inteligente. Assim, pondera Johnson, não estariam os cérebros individuais conectando-se uns aos outros através da Web e formando “algo maior do que a soma de suas partes - o que o famoso filósofo/padre Teilhard de Chardin chamou de noosfera?” (p. 85).

Vida cognitiva

De acordo com Johnson, nossa vida cognitiva é também um fenômeno emergente. Os seres humanos são tipos extraordinariamente comunicativos. Eles são “leitores de mente inatos”, ou seja, os humanos são seres capazes de “imaginar os estados mentais das pessoas”, pois sem esta *faculdade* eles não poderiam estabelecer o elo comunicativo. Do mesmo modo, nossa autoconsciência não teria sentido se não nos colocássemos diante das outras mentes.

A faculdade de ler as outras mentes e a autoconsciência que lhe é correspondente “é claramente uma propriedade emergente das redes neurais do cérebro. (...) essas faculdades são os exemplos primordiais da emergência em atividade. Você não seria capaz de ler essas palavras ou especular sobre os trabalhos internos de sua mente, não fosse pela proteiforme força da emergência”. (p. 153).

É neste sentido que o futuro do software emergente consistirá em reconhecer nossos hábitos e gostos. Ele deverá ser capaz de antecipar “nossas necessidades” e será capaz de se adaptar mesmo a “nossas mudanças de humor”. Ele deverá ser sensível às singularidades, idiosincrasias e potencialidades. “Interagir com um software emergente já se parece mais com cultivar um jardim do que dirigir um carro ou ler um livro” (p. 154).

“Emergência aplicada”

Por fim, a “emergência aplicada” está transformando nossa relação objetiva e subjetiva com a mídia e nossas tradicionais noções de mundo público e privado. Assim, por exemplo, a tremenda onda da convergência está transformando indubitavelmente a “paisagem da mídia”. Não é difícil imaginar os efeitos deste grande poder comunicativo emergente: a navegação livre sobre todos os bens culturais de áudio, texto e vídeo, armazenados

em um imenso disco, contendo todos os discos rígidos existentes, como anunciam, por exemplo, os sistemas de computação compartilhada *peer-to-peer*.

Mas, poderiam os princípios da emergência ser utilizados nas organizações e instituições? São as corporações capazes de conviver com estruturas de tipo *bottom-up*, sem os tradicionais comandos centrais? Não há dúvidas de que os sistemas emergentes podem ser extremamente inovadores e criativos, e têm naturalmente mais capacidade para se adaptarem às novas situações do que os padrões de organização mais rigidamente hierárquicos. O novo papel da alta administração seria precisamente o de motivar os grupos e os indivíduos na organização para a geração das idéias. Os processos, a evolução e visão do futuro devem emergir de múltiplas correlações *bottom-up*. Para Johnson, os administradores de alta escalam terão evidentemente seu lugar, mesmo nas organizações de poder mais distribuído, mas não terão mais o papel de líderes. O que importa é como extrair o máximo da inteligência coletiva existente na instituição.

Escalas

Seja na escala das cidades, das colônias de formigas, da Web, das organizações, das telecomunicações ou das mentes humanas “nossas vidas englobam os poderes da emergência.” Sem dúvida, não é nada fácil pensar em termos de sistemas emergentes sem mecanismos de controle. *O modelo mental tipo top-down é ainda predominante.* Porém, diz Johnson, quando se trata de um sistema emergente é preciso desistir de tentar controlar. É preciso “deixar o sistema governar a si mesmo tanto quanto possível, deixá-lo aprender a partir de passos básicos” (p. 174).

Qual será o futuro e o poder real dos processos e sistemas *bottom-up*? Serão eles mais poderosos e

criativos que os sistemas *top-down* desencadeados pela sociedade industrial? Será a *Emergência* o modo como os grupos sociais, as instituições e os indivíduos entenderão

a si mesmos e autoconstituirão as formas de suas sociabilidades, institucionalidades e subjetividades?

Terra habitável

A editoria Terra habitável reproduz informações das Notícias Diárias do sítio do IHU sobre meio ambiente. As notícias podem ser conferidas na íntegra nas datas correspondentes.

Mortandade de peixes no Rio dos Sinos. Justiça decreta prisão de empresário

Responsável pelo tratamento e destino final de resíduos gerados por cerca de 3,5 mil indústrias, a empresa Utresa, de Estância Velha, é apontada pelo Ministério Público (MP) Estadual e pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) como a

principal responsável pela mortandade de 86,2 toneladas de peixes no Rio dos Sinos, no mês passado. A notícia é dos jornais Zero Hora e Estado de S. Paulo. Confira nas *Notícias Diárias* de 29-11-2006.

Índio é “entrave ao desenvolvimento?”

Reproduzimos um artigo do jornalista ambientalista, Washington Novaes sobre os conflitos com a cultura indígena. O artigo foi publicado no jornal *O Estado de*

S.Paulo e pode ser conferido nas *Notícias Diárias* de 1-12-2006.

A agricultura industrial nega aos animais uma vida minimamente decente

Reproduzimos um artigo do filósofo e professor de bioética Peter Singer. Singer defende que a questão moral em torno do tratamento de animais deveria ser para os filósofos, uma questão ética. Peter Singer acaba de publicar em parceria com Jim Mason, o livro *The Way We Eat - Why Our Food Choices Matter* (Como Nos

Alimentamos - Por Que Nossas Escolhas Alimentares Importam). “*Estresse na fazenda*” é o artigo publicado originalmente no *The Guardian* e reproduzido pelo jornal *Folha de S.Paulo*, 03-12-06. Confira nas *Notícias Diárias* em 04-12-2006.

Como nos alimentamos – por que nossas escolhas alimentares importam

Reproduzimos uma entrevista com filósofo e professor de bioética Peter Singer. Peter Singer é autor - em parceria com Jim Mason - do livro *The Way We Eat - Why Our Food Choices Matter* (Como Nos Alimentamos - Por Que Nossas Escolhas Alimentares Importam - sem tradução para o português). O livro aborda o tema da ética alimentar e defende que sejam aplicados cinco

princípios éticos para uma escolha consciente na hora das refeições: transparência, equilíbrio, humanidade, responsabilidade social e necessidade. Ele concedeu uma entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*, 03-12-06. Confira nas Notícias Diárias em 04-12-2006. Sobre Peter Singer conferir a edição da IHU On-Line 191.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

ESSA EDITORIA VEICULA NOTÍCIAS E ENTREVISTAS QUE FORAM DESTAQUES NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU. APRESENTAMOS UM RESUMO DOS DESTAQUES QUE PODEM SER CONFERIDOS, NA ÍNTEGRA, NA DATA CORRESPONDENTE.

Entrevistas exclusivas feitas pela IHU On-line disponíveis nas Notícias Diárias do sítio do IHU
(www.unisinos.br/ihu):

Entrevista com Antônio Carlos dos Santos

Título: "Não nos tornamos republicanos"

Entender a corrupção sob o legado do filósofo Montesquieu, discutir a possibilidade de uma filosofia autenticamente brasileira e também avaliar os rumos da democracia. Esses são alguns dos temas sobre os quais o filósofo Antônio Carlos dos Santos falou na entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-11-2006.

Entrevista com André Marengo

Título: A delicada situação financeira e política do governo Yeda Crusius

André Marengo é doutor em Ciências Políticas e coordenador do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entrevistado pela *IHU On-Line*, por telefone, o professor André Marengo falou de suas perspectivas em relação ao novo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, avaliou a disputa eleitoral e fez uma análise da nova bancada dos deputados na Assembléia Gaúcha. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 29-11-2006.

Entrevista com Alejandro Buenrostro

Título: "O povo está cansado"

Alejandro Buenrostro y Arellano, mexicano, que viveu e atuou por 10 anos nas comunidades de Chiapas na

década de 1970, e atualmente dirige o Xojobil - Centro de Documentação e Informação, dedicado à informação sobre a luta social dos povos mexicanos -

<http://xojobil.sites.uol.com.br/> em entrevista à *IHU On-Line*, em parceria com o *Cepat*, comentou as lutas do movimento social mexicano. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 30-11-2006.

Entrevista com Michelle-Irène Brudny

Título: Um pensamento e uma presença provocativos

Segundo a filósofa francesa *Michelle-Irène Brudny*, tanto o pensamento quanto a presença de *Hannah Arendt* são provocativos: “*Hannah Arendt* é por vezes deliberadamente provocante, visando obrigar os outros à reflexão, a partir de perspectivas inesperadas”. Confira a entrevista concedida a *IHU On-Line* nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 1-12-2006.

Entrevista com Alexandre Schossler

Título: O sujeito é um predicado do indivíduo e do grupo

“As diferenças individuais é o que garante o movimento do grupo e a sua permanente transformação”, teorizou o mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, *Alexandre Schossler* em entrevista, por e-mail, à *IHU On-Line*. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 1-12-2006.

Entrevista com Pierre Sanchis

Título: “O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?”

“O indivíduo sente-se mais autônomo no comando do seu universo religioso pessoal na medida em que as ofertas institucionais que o assediam são mais variadas.” O Brasil como um país de pluralismo religioso é o tema tratado por *Pierre Sanchis*, pesquisador do Instituto Superior dos Estudos da Religião - ISER - em entrevista a *IHU On-Line*. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 1-12-2006.

Entrevistas e artigos que publicados nas Notícias Diárias do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu):

Artigo de Anthony Giddens

Título: O declínio do poder EUA

“Como resultado, em parte, das políticas de Bush, mas também por causa de outras forças que agem na sociedade mundial, a ordem internacional está em crise”. A opinião é de *Anthony Giddens*, sociólogo inglês, em artigo publicado no jornal italiano *La Repubblica*, 26-11-2006. Confira a reprodução do artigo nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-11-2006.

Entrevista com o Grande Mufti da Turquia

Título: “Explicarei ao Papa que é um erro continuar criticando o Corão

Suave nos tons mas duro na substância. O Grande Mufti da Turquia, *Ali Bardakoglu* concedeu uma entrevista para o jornal italiano *La Repubblica*, 28-11-2006. Confira a reprodução da entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-11-2006.

Entrevista com Pedro Carrano

Título: Jornalista brasileiro em Oaxaca

Chegou à Cidade do México, o jornalista *Pedro Carrano* para acompanhar os acontecimentos em Oaxaca, sul do México. Único correspondente de um jornal brasileiro em Oaxaca, *Pedro Carrano* - que trabalha para o Brasil de

Fato - concedeu uma entrevista exclusiva à IHU On-Line antes de sua viagem. O CEPAT colaborou na realização da entrevista. Confira a reprodução da entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-11-2006.

Artigo de Faustino Teixeira

Título: Uma chance para a Paz

Publicamos um artigo do teólogo e professor do PPCIR-UFJF, **Faustino Teixeira** sobre a visita de Bento XVI na Turquia. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 29-11-2006.

Artigo de Odon Vallet

Título: A Turquia, pátria do Credo

"Em 8.000 anos de história e de lendas, da Anábase de Xenofonte ao monte Ararat de Noé, há muitas Turquias", segundo **Odon Vallet** em artigo publicado no dia 28-11-2006 no jornal **Le Figaro**. Confira a reprodução do artigo nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 29-11-2006.

Artigo de Enrique Krauze

Título: O que está em jogo no México

"O México é um país ao mesmo tempo pré-moderno, moderno, antimoderno e pós-moderno. Esta situação pode ter certas vantagens, como bem sabem os que apreciam o mosaico cultural do México, mas às vezes pode ser não apenas difícil, mas explosiva", escreve **Enrique Krauze**, sociólogo mexicano em artigo publicado no **Washington Post**, **El País**, 28-11-2006 e 29-11-2006, no jornal **Estado de S. Paulo**. Confira a reprodução nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 29-11-2006.

Artigo de Marcio Pochmann

Título: Adeus à classe média

"Não há espaço para a reprodução da classe média, que atualmente representa somente dois a cada dez brasileiros", escreve **Marcio Pochmann**, professor do Instituto de Economia e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Universidade de Campinas, em artigo publicado em 30-11-2006, no jornal **Valor**. Segundo ele, "de todos os empregos gerados desde 2000, 90% são até dois salários mínimo mensais, ao mesmo tempo em que o Brasil lidera uma inédita redução do custo do trabalho em dólar no mundo". Confira a reprodução do artigo nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 30-11-2006.

Entrevista com Nicholas Negroponete

Título: "A maneira mais econômica de melhorar a educação".

Reproduzimos uma entrevista com Nicholas Negroponete, fundador do Laboratório de Mídia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) concedida ao **Página/12**. Confira a reprodução da entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 30-11-2006.

Artigo de Paulo Kliass

Título: A outra face da redução recente da dívida externa

Reproduzimos um artigo do doutor em Economia e membro da carreira federal "Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental", **Paulo Kliass** sobre a **dívida externa**. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 1-12-2006.

Frases da semana

Necessidade de Deus?

“Toda busca que encontra Deus no fim do caminho nasce de um orgulho mal-informado: o homem não aceita o absurdo de sua condição, a falta de sentido para a vida -a própria e a geral. Então, a presença de Deus se encaixa no problema, peça de armar que completa a paisagem, feita à imagem e semelhança do próprio problema. O homem criou Deus para se justificar, para continuar sendo diferente das beterrabas e dos siris. Daí a necessidade de Deus e de sua criatura, o homem” - **Carlos Heitor Cony**, escritor - **Folha de S. Paulo**, 28-11-2006.

Voto de pobreza

“Ministros do Supremo já fizeram voto de pobreza” - **Marco Aurélio Mello**, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) - **Estado de S. Paulo**, 29-11-2006.

“Eu poderia estar aposentado aos 49 anos, ganhando a mesma coisa que ganho. Se tivesse saído, os cofres públicos teriam de pagar dois salários, o meu e o do meu sucessor” - **Marco Aurélio Mello**, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) - **Estado de S. Paulo**, 29-11-2006.

Esquerda briga

“Tem que ter a coragem de fazer uma auto-crítica profunda: por que brigamos tanto uns com os outros? A queda do muro (de Berlim) nos deixou tontos. No caso da Argentina estamos deixando bandeiras que têm de ser nossas, democráticas, para a direita”- **Norma Morandini**, jornalista e deputada argentina - **Agência Repórter Social**, 27-11-2006.

Crescimento econômico

“O crescimento deve continuar na faixa de 3%. Mas se crescermos 3%, ou 3,5%, e não 5%, não quer dizer que a situação não tenha melhorado. Há muito tempo que o Brasil não cresce a 3% por vários anos, com a inflação controlada. Para mudar de patamar, porém, é preciso de uma série de reformas que não estamos vendo” - **Gino Olivares**, economista-chefe do Opportunity - **O Estado de S. Paulo**, 30-11-2006.

A dívida pública com juro real de 10%, maior do que o crescimento do produto (3%), não é sustentável. A cada ano que se passa nessa situação, transferimos 7% do produto de quem trabalha para quem recebe juros sem trabalhar, os capitalistas aposentados. Em 10 anos, precisaríamos usar todo o PIB para pagar juros. Já passaram quatro anos” - **João Sayad**, economista - **Folha de S. Paulo**, 4-12-2006.

Sociedade socialista, cristã e bolivariana

“Agora começa a construção de uma sociedade nova, socialista, cristã e bolivariana” -Hugo Chávez, ao ser reeleito presidente da Venezuela - **La Repubblica**, 4-12-2006.

A conjuntura da semana nas *Notícias Diárias* do IHU

UMA RELEITURA DA SEMANA FEITA PELO CENTRO DE PESQUISA E APOIO AOS TRABALHADORES - CEPAT

Reforma da Previdência

A Reforma da Previdência é um dos temas permanentes na agenda política do país. Porém, sempre que se inicia um novo mandato presidencial, retorna com força. Os que a defendem, opinam que o governo deve fazê-la logo no início do mandato quando ainda tem “gorduras” para queimar, ou seja, apoio popular, uma vez que qualquer reforma na Previdência aponta para perdas e jamais para ganhos.

Portanto, não causa surpresa que o tema da Reforma da Previdência ocupe importante espaço na mídia no início do segundo mandato do governo Lula. Atento a esse debate, as *Notícias Diárias* vêm repercutindo o que está sendo proposto e discutido. **“Lula não quer mudar regras da Previdência”** é a notícia que se destaca na semana. A declaração pública do presidente contrário a qualquer mexida na Previdência nesse momento é significativa, uma vez que não são poucos os lobbies que defendem a Reforma. Um deles é o revelado na notícia **“Superlobby propõe nova Previdência”**. Por detrás do lobby estão as grandes Confederações patronais - da Indústria (CNI), do Comércio (CNC) e da Agricultura (CNA). Reúne ainda a Bovespa, a Febraban (bancos), a Andima, a Fiesp e a Fenaseg (seguros). O outro lobby se esconde por detrás dos interesses do mercado financeiro, escudados dentro do governo no Ministério do Planejamento e sobretudo no Banco Central, como se pode ler na notícia **“Reforma da Previdência. Grupo defende choque de gestão”**.

Um dos maiores defensores da Reforma é o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Bernard Appy, ex todo poderoso de Palocci, que tem o apoio integral de Meirelles e Paulo Bernardo, ministro do Planejamento. Uma das pontas de lança dos que defendem a Reforma da Previdência é a proposta intitulada “choque de gestão”, sugerida pelo professor Vicente Falconi Campos. Para maior esclarecimento basta ler a notícia publicada no IHU - **“Quem é Vicente Falconi, guru dos empresários”**. O “padrinho” de Falconi é ninguém menos que Jorge Gerdau, sondado para o ministério da Indústria e Comércio. Conferir a notícia **“Mantega diz que estudará proposta de Gerdau”**.

A verdade é que **“Enquanto se discute a crise da Previdência Pública, a privada vai muito bem, obrigado”**. Os números são impressionantes: Em uma década, poucos setores cresceram tanto no Brasil quanto a previdência complementar. O segmento saiu de R\$ 3 bilhões em reservas, em 1996, para quase R\$ 100 bilhões no fim deste ano, revela a Associação Nacional da Previdência Privada (Anapp).

É evidente que por detrás da Reforma da Previdência estão os interesses do capital. Teresa Ter-Minassian, diretora do Departamento Fiscal do FMI, afirmou que “para que o país se livre das atuais ‘taxas de crescimento anêmicas’, precisa colocar em pauta reformas estruturais”. Para o FMI, as reformas estruturais são a trabalhista e previdenciária, como declarou a diretora do

Fundo. Oportuno e esclarecedor para o debate - leia-se quem defende o quê -, é a leitura da notícia **“Seguridade social não tem déficit e é auto-sustentável, afirma pesquisadora”**.

Os que desejam a Reforma da Previdência se escondem atrás do debate em torno do “equilíbrio atuarial”, como se não fosse um debate político. Mais do que uma conta contábil, a que muitos querem reduzir o debate em torno

da Reforma da Previdência, trata-se de um debate ideológico. A Previdência se insere no sistema de cobertura aos trabalhadores brasileiros. É uma peça fundamental do Estado de bem-estar. O que o mercado evita dizer em público é que quanto menos Estado houver mais espaço tem ele para agir em sua cobiça desmedida.

Dívida Externa

Outro tema co-relacionado ao da Previdência, mas que, ao contrário do primeiro, anda sumido do debate nacional, é o que diz respeito à dívida externa. Quase sempre pautado pelos movimentos sociais e motivo até de um plebiscito popular (2000), o tema se afastou da agenda de luta das organizações populares. Uma explicação para o sumiço se deve ao fato da idéia

propagada pelo governo Lula de que o mesmo enxotou o FMI e pagou a dívida. Uma baita confusão, misturada ao oportunismo político. A dívida externa, segundo o excelente e imperdível texto de Paulo Kliass - **“A outra face da redução recente da dívida externa. Um artigo de Paulo Kliass”** - apenas assumiu uma nova “roupagem”.

A visita do Papa à Turquia

A visita de Bento XVI à Turquia ocupou amplo espaço nas **Notícias Diárias** da semana. Para quem acompanha o diálogo entre a “modernidade” e a “religiosidade” trata-se de um acontecimento importante. Os preparativos para a visita de Bento XVI à Turquia foram cercados de grande expectativa e certo clima de tensão. Havia rumores de que a visita pudesse ser cancelada, após forte reação do mundo islâmico a um discurso seu pronunciado em Regensburg, quando de sua visita à Alemanha, e interpretado como antiislã. Nada removeu Bento XVI do seu propósito. Na terça-feira, o Papa iniciou em Ancara, capital da Turquia, sua visita de quatro dias a este país. A Turquia se encontra num processo interno

de mudanças com vistas a se adaptar às exigências feitas para efetivar sua entrada na União Européia. Neste contexto, o alinhamento de forças entre secularistas e islâmicos abre espaço para uma nova divisão, agora em torno de islâmicos e liberais, por um lado, e nacionalistas radicais, por outro, como mostra a matéria **“Islâmicos e liberais se unem contra nacionalistas radicais”**, de 26-11. Trata-se do país mais muçulmano que mais passos deu no sentido da secularização.

A este clima interno de efervescência, a visita do Papa vem acrescentar ao menos dois outros ingredientes, que aumentam a temperatura dos ânimos dos mais radicais,

principalmente: primeiro, as declarações de Bento XVI na Universidade de Regensburg, fartamente noticiadas nas **Notícias Diárias**. Remetemos os leitores/as a apenas dois textos que analisam este acontecimento: “**Islã: um passo em falso de Bento XVI? Um artigo de Henri Tincq**”, de 18-09, e “**O discurso de Regensburg. Uma análise do teólogo Juan José Tamayo**”, de 25-09, dentre diversos outros; segundo, declarações de quando ainda era cardeal Ratzinger, época em que se declarou ser contrário à entrada da Turquia na União Européia. O Papa procurou se justificar quanto à primeira questão, alegando ter sido mal compreendido. Durante os primeiros discursos da sua visita procurou desfazer sua “pecha” de “anti-Turquia”, como alguns o chamavam.

Várias das **Notícias Diárias** da semana em análise aqui destacam as dificuldades encontradas pelo Papa naquele país, mas também os esforços realizados para que o diálogo e a paz entre os povos e as religiões se estabeleçam realmente. Bento XVI, por sua vez, parece

ter abandonado um discurso mais “belicoso” e assumido um discurso com vistas a lançar pontes e abrir caminhos para o diálogo; deixar as diferenças em segundo plano e destacar os projetos comuns, ainda que os matizes - vários, aliás! - do Papa estejam presentes em seus discursos.

Para o especialista em islamologia, o jesuíta egípcio Samir Khalil Samir, a mensagem do Papa na Turquia é tripla: “o projeto de uma sociedade laica, respeitosa das liberdades e da crença; o engajamento pela paz, baseada na justiça e na legalidade internacional; a solidariedade dos crentes para testemunhar o transcendente num mundo secularizado”. Esta afirmação está no seu artigo “**Bento XVI na Turquia e o elogio da ‘laicidade respeitosa’**”, traduzido e reproduzido em 01-12.

O mundo digital

Outro tema aglutinador desta semana diz respeito ao mundo digital. O artigo “**A era digital e sua nova estética**”, de 30-11, traz questões sumamente provocativas. Trata-se de uma resenha do novo livro do russo Lev Manovich em que analisa a nova linguagem dos meios de comunicação. Para ele, os novos meios de comunicação são “um ponto de intersecção entre dois desenvolvimentos tecnológicos: o informático e o midiático.” A Internet, os blogs, as imagens digitais, os sons, os textos, seu armazenamento e processamento se tornaram possíveis graças a esta junção. E uma nova revolução em termos de comunicação se fez. Ou com outras palavras, “quando toda a produção midiática passou a ser traduzida em dados numéricos abriram-se as

portas de uma nova era”, a era digital. O autor da resenha ainda chama a atenção para a correspondência que Manovich estabelece entre a lógica do digital e a lógica da sociedade contemporânea: “os novos meios de comunicação estão em sintonia com o culto do individualismo, a cultura “à la carte” (a liberdade entendida como seleção a partir de um número dado de opções) e o império do tátil no mundo pós-industrial”, conclui. Mas, Manovich aponta para a necessidade de uma Infoestética, isto é, “uma análise teórica da estética do acesso à informação, afastada dos critérios narrativos tradicionais, que permita pensar, por exemplo, poéticas da base de dados ou da navegação”.

Pelo lado da produção de computadores a preços baixos, podem ser lidas as entrevistas com Nicholas Negroponte, publicadas no dia 30-11, que vem convencendo governos e outras organizações para o seu projeto. Otimista de carteirinha, ele aposta nas potencialidades de computadores nas mãos de crianças em termos de melhoria na educação. Ou seja, dessa maneira, as crianças estudariam mais, pois poderiam estudar em casa. Ao mesmo tempo, poderiam ajudar os pais e romper barreiras geracionais.

Pelo lado do uso dessa ferramenta de comunicação, pode-se ler a discussão feita por especialistas quanto à validade ou não de se admitir haver “dependentes da Internet”. A Internet pode se transformar num vício, numa doença? O texto “**A geração dos dependentes da internet**”, de 30-11, remete na verdade à problemática não nova: a relação que seres humanos estabelecem com estas ou outras máquinas. Então, surgem outras perguntas: por que certas pessoas se “viciam” na Internet? Por que isso acontece? O problema está na Internet? Ou, ao contrário, quando isso acontece, é por que as relações de proximidade física, emocional, de carinho, de acolhimento familiar ou grupal já foram fortemente abaladas? Com outras palavras: onde está o problema: nas máquinas, produtos humanos, ou nas

relações que estes mantêm entre si, isto é, o estilo que vida que levam?

De carona, essa discussão pode levar às reflexões realizadas pelo Alexandre Schlosser sobre o sujeito, a subjetividade, o indivíduo e o grupo. Em “**O sujeito é um predicado do indivíduo e do grupo. Entrevista com Alexandre Schossler**”, entrevista publicada em 1-12, o psicólogo afirma que as diferenças individuais garantem o movimento do grupo e a sua permanente transformação. O alcance dessa reflexão está em compreender melhor o individualismo em nossa sociedade e em ressaltar a força dos indivíduos nas transformações. Ao contrário, talvez, do que se imaginava que em tempos de globalização, quando se depositava todas as forças de transformação nas estruturas, sobretudo, econômicas, há aqui sinais de que os indivíduos não são tão impotentes diante da realidade, para bem ou para mal. A tese de fundo consistir em admitir que há influências mútuas e não apenas unilaterais. O jogo de forças não é unilateral. Os sujeitos têm poder e não são tão impotentes como pretendem algumas linhas de pensamento. Que perspectivas reais de transformação isso abre? Esta leitura permite compreender, ao nosso ver, os acontecimentos do México e em outros países da América Latina, especialmente.

América Latina

A eleição de Rafael Correa no Equador, os conflitos no México, a eleição na Venezuela e a tensão crescente entre o Uruguai e a Argentina em torno da construção das fábricas de celulose, foram acontecimentos noticiados pelas **Notícias Diárias** na semana. O sítio do **IHU** vem se destacando pelo acompanhamento da conjuntura latino-americana. Em outro momento já comentamos que a cobertura da realidade latino-

americana pelo **IHU** é uma das melhores do país, melhor, porque diversificada e ágil na faculdade de perceber aquilo que é mais relevante.

Nesta perspectiva destaque-se a cobertura sobre os acontecimentos de Oaxaca e o conflito entre Calderón (PAN) e Obrador (PRD). Uma série de entrevistas são

extremamente felizes e oportunas para se compreender o “barril de pólvora” que se tornou o México.

Destacamos a entrevista com o Subcomandante Marcos: **“Para o EZLN não serve nem o presidente oficial, nem o legítimo”** Entrevista com o subcomandante Marcos e as entrevistas com Emilio Gennari:

“As diferenças e semelhanças entre o movimento zapatista e Oaxaca. Entrevista especial com Emilio Gennari” e Alejandro Buenrostro: **“O povo está cansado”**. Entrevista especial com Alejandro Buenrostro sobre as lutas populares no México

Particularmente naquilo que é específico ao movimento social, dois artigos são extremamente relevantes. O primeiro deles é de Adolfo Gilly - **“Reflexões para uma esquerda não subordinada. Artigo de Adolfo Gilly, professor na UNAM”** - que propõe uma leitura da conjuntura mexicana a partir dos pobres. É um alerta para a esquerda e para a burguesia do país que está subestimando a capacidade organizativa do povo. O outro vale pela sua dramaticidade e pelo o que texto explicita, tornando desnecessários comentários: **“O cerco à comuna de Oaxaca se fecha. Um relato comovente”**.

A cobertura do sítio sobre as eleições no Equador também é merecedora de destaque. Como já vinha fazendo na semana passada, o sítio não deixou despercebida a importância da disputa no país. Ali se jogou geopoliticamente uma contenda entre os EUA, apoiando Noboa e a Venezuela apoiando Correa. No dia

seguinte à sua vitória já era possível se conhecer o perfil do novo presidente equatoriano nas **Notícias Diárias: “Um perfil de Rafael Correa, novo presidente equatoriano”**. A vitória do jovem Correa trará ainda maiores problemas para os EUA na região, uma vez que o mesmo já se posicionou claramente contra o Tratado de Livre Comércio - TLC e exige uma revisão da permanência da base militar americana em solo equatoriano.

Outro fato significativo na conjuntura latino-americana é o que trata do contencioso entre a Argentina e o Uruguai por causa da construção de uma fábrica de celulose pela empresa finlandesa Botnia na cidade uruguaia de Fray Bentos, na divisa entre os dois países. A disputa chegou a uma tal tensão que ameaça implodir o frágil Mercosul. Nenhum dos lados cede, o que levou o jornalista Washington Uranga a escrever um belíssimo artigo: **“Uruguai e Argentina. Atrever-se, a função da política. Artigo de Washington Uranga”**.

Acerca dos acontecimentos latino-americanos há uma ausência nas **Notícias Diárias** da semana aos fatos relacionados à Bolívia. Durante a semana que passou uma duríssima disputa tomou conta do país, que extrapolou do parlamento para as ruas. A disputa envolvendo o MAS, de Evo Morales, contra as oligarquias rurais associadas aos empresários bolivianos. Um dos temas chaves versou sobre a proposta de lei de Reforma Agrária sugerida pelo governo. A polêmica continua.

O surpreendente Mundo do Trabalho

Para concluir, destacamos duas notícias sobre o mundo do trabalho. A primeira delas, apesar de aparentemente pouco importante, chamou a atenção nas **Notícias Diárias** publicada durante a semana. A notícia de que a **“TAM volta atrás na terceirização. “Desterceirização” ganha corpo, segundo consultor”**. Trata-se realmente de um acontecimento surpreendente. A “terceirização” tornou-se um dogma nos manuais de reestruturação produtiva. Uma medida adotada por dez entre dez empresas que disputam espaço no mercado. Como uma das maiores empresas da aviação nacional anuncia algo aparentemente na contramão de tudo o que sempre se ensinou? Sobre isso vale a pena ler o comentário de Inácio Neutzling publicado no blog do sítio no dia 28-11-06: “Terceirização ou Desterceirização?”. A nota suscitou um interessante debate nos comentários do blog.

A segunda notícia é a que comenta os bastidores da briga entre um dos maiores grupos siderúrgicos mundiais, o grupo nacional Gerdau com o sindicalismo americano. A

briga sobrou também para a Vale do Rio Doce. A notícia **“Grupo Gerdau. Osso duro de roer”** revela que as siderúrgicas brasileiras toparam de frente com os ‘Metalúrgicos Unidos’ (USW, na sigla em inglês), um sindicato aguerrido que defende os interesses de 850 mil trabalhadores nos EUA e no Canadá e cuja influência atinge diversos setores da economia. Os detalhes da disputa são relatados na notícia **“USW e o grupo Gerdau”**. Sobrou até para o presidente Lula, como se pode observar na reportagem **“Admirador de Lula, dirigente pediu ao presidente intermediação com Gerdau”**, publicada nas **Notícias Diárias**. Em tempos de globalização e erosão do mundo do trabalho, trata-se de uma notícia no mínimo curiosa: descobrir que os trabalhadores ainda conseguem peitar grandes grupos empresariais.

Eventos

A alma como centro do filosofar de Platão

SALA DE LEITURA

O livro recém-lançado A Alma como centro do filosofar de Platão. São Paulo: Loyola, 2006, do filósofo Delmar Cardoso, SJ, será apresentado pelo próprio autor nesta quinta-feira, 07-12-2006, às 17h30min, na sala 1G119 do IHU. Graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Inácio, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, e em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (PUG), na Itália, Cardoso cursou aperfeiçoamento em Estudos Humanísticos pelo Instituto Padre Gabriel Malagrida e especialização em Grego Clássico pela PUG. É mestre e doutor em Filosofia. O mestrado foi realizado na PUG e o doutorado na Pontifícia Università San Tommaso D'Aquino (PUST), também na Itália. De sua tese A alma como centro do filosofar de Platão: uma leitura concêntrica do Fedro à luz da interpretação de Franco Trabattoni, surgiu o gérmen do livro que Cardoso apresenta no Sala de Leitura. Na entrevista que segue, concedida pelo pesquisador à IHU On-Line, ele revela que, ao referir-se ao termo alma, em Platão, o significado deve ser compreendido como "ser humano". Entre os legados platônicos à Filosofia, Cardoso enfatiza que o maior deles é a sua própria filosofia. Outra contribuição deixada pelo filósofo ateniense a esse ramo do saber é a "incindível relação entre ser humano e cidade (polis) e vice-versa, a qual nunca conheceu boa harmonia em tempos recentes".

IHU On-Line - Por que o senhor afirma que a alma é o centro do filosofar de Platão?

Delmar Cardoso - Em primeiro lugar, gostaria de esclarecer que minha afirmação é feita num contexto acadêmico, num contexto de uma tese de doutorado em filosofia. Nessa tese, minha investigação com base no texto do *Fedro* platônico me levou a enunciar assim o título do meu estudo. Sou consciente de que se trata de um enunciado, no mínimo, corajoso, pois não é comum que se fale muito de alma, mesmo em filosofia contemporânea. Porém, o termo "alma", em Platão, significa "ser humano". Portanto, o título de meu estudo sobre o *Fedro* bem que poderia ter sido enunciado: "O

ser humano como centro do filosofar de Platão".

Contudo, quis ser fiel ao termo que Platão, qual maior e melhor discípulo de Sócrates, utiliza para dizer o ser humano. Platão, num dos seus diálogos, põe na boca de Sócrates a afirmação que me fez insistir em utilizar o termo alma (*psukhé*): "o ser humano é a sua alma" (*Alcebiades primeiro*, 130c). A alma, tal qual entendemos hoje em dia como a interioridade do homem, é um conceito que devemos a Sócrates. Nossa compreensão de alma supõe aquela parte do homem que não conhece destruição, supõe o interior que identifica cada ser humano, a partir do qual o ser humano pode afirmar "Eu sou".

IHU On-Line - Como aparece essa preponderância da alma no Fedro, em específico?

Delmar Cardoso - Há no *Fedro* um emaranhado dos principais temas tratados por Platão na sua vasta obra escrita. Nisso consiste justamente a riqueza e a dificuldade para quem quiser se debruçar sobre esse texto de Platão. Classicamente se divide o *Fedro* em duas partes. E a própria configuração do texto autoriza tal divisão. A primeira parte é composta por três discursos. Do ponto de vista literário, cada um desses discursos é obra à parte. Neles se vê a capacidade criativa de Platão que foi capaz de compor três discursos que podem ser atribuídos a três autores diferentes. O primeiro discurso é o do famoso orador Lísias. É um discurso escrito que trata do amor e é lido por Fedro. Sócrates reage a esse discurso, fazendo um outro discurso ao amor. Mas ambos os discursos (um oral e outro escrito) não são suficientes para enaltecer o amor. Daí que, na narrativa de Platão, Sócrates se vê obrigado a fazer um segundo discurso que extrapola a temática amor para falar justamente da alma ou, se quisermos, do ser humano. Aqui temos o gancho para falarmos da segunda parte do *Fedro*, que aprofunda a relação entre amor (*éros*) e discurso (*lógos*), postulando a exigência de que a filosofia esteja ligada à retórica. E isso é uma novidade, pois, apressadamente, temos a tendência a considerar Platão um simples adversário dos retores. No *Fedro*, Platão quer uma filosofia ligada à retórica, porque, segundo sua concepção antropológica, o ser humano não é feito só de razão, mas possui uma parte que, como Lima Vaz, podemos chamar de transracional. O segundo discurso de Sócrates no *Fedro* mostra isso com muita clareza.

IHU On-Line - O senhor vê relação entre a importância dada por Platão à alma com filosofias como a hegeliana, por exemplo? Como a filosofia atual dialoga com o legado platônico?

Delmar Cardoso - A pergunta é muito pertinente, mas falta-me mais conhecimento sobre Hegel¹ para respondê-la de um modo mais completo. No entanto, como não ver uma relação entre aquilo que Platão chama de "alma" e aquilo que Hegel chama de consciência? A filosofia atual tem aprendido a voltar aos antigos, e essa é uma herança que o Iluminismo nos deixou, apesar de que essa volta tinha começado no Renascimento. Queiramos ou não, nosso atual modo de pensar e agir deve muito a Platão e a Aristóteles², só para citar dois nomes na Antiguidade. Admitamos ou não, Kant³ e Hegel - também só para citar dois nomes da filosofia moderna - nos fornecem os modos como fazemos filosofia atualmente. O prefixo "pós", tão em moda em nossos dias, se aplica muito bem à filosofia contemporânea: pós-kantiana e pós-hegeliana. Com isso tudo quero dizer que o prefixo "pós" neste caso não significa necessariamente superação. É que a volta a

¹ Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. (Nota da *IHU On-Line*)

² Aristóteles de Estagira (384 a. C. - 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

Platão e a outros filósofos antigos pode proporcionar a construção de novos paradigmas. Entretanto, não há dúvida de que fica a dívida para com a filosofia moderna que permitiu o ser humano dizer, com todas as letras, "Eu sou".

IHU On-Line - E qual o maior legado de Platão à filosofia?

Delmar Cardoso - Há vários legados, mas vou falar somente de três. Um primeiro conjuga o aspecto material com o cultural: os textos escritos de Platão. Com os textos de Platão acontece algo inusitado na história do pensamento antigo. Conservamos hoje as obras que a própria Antigüidade identificava como sendo de Platão. Pode parecer que esse dado não dependa diretamente de Platão, mas estou convencido de que ele revela o modo como Platão fez filosofia. Contudo, o maior legado de Platão à filosofia é a sua filosofia. Uma filosofia que nos habituamos a ver como forte e inabalável. Mas isso não está muito claro se nos detivermos com atenção nos textos de Platão. A afirmação do sujeito feita pela Modernidade quer ser a afirmação de um sujeito forte e inabalável, o que significa também querer afirmar uma razão forte e inabalável. Sem dúvida que existem raízes disso na filosofia de Platão. No entanto, Platão, sem renunciar à exigência de que o filósofo dê razões de seu pensar e agir, também constata um elemento frágil no ser humano. Esse elemento frágil no ser humano exige a adaptabilidade da razão, em vista de uma constante busca da verdade por parte do ser humano. Um outro legado de Platão à filosofia é a incindível relação entre ser humano e cidade (*polis*) e vice-versa, a qual nunca conheceu boa harmonia em tempos recentes.

IHU On-Line - Qual é seu ponto de vista sobre a interpretação do conceito de alma do platonismo pelo cristianismo, tomando em consideração que, a partir do século XII, houve um ressurgimento das obras de Aristóteles? Como se dá essa relação hoje, no século XXI?

Delmar Cardoso - Fiquemos simplesmente na concepção platônica de alma que, como disse acima, tem sua origem em Sócrates: a alma é o que confere o ser ao homem. De acordo com essa concepção a origem do homem não tem sua explicação cabal no existir intraterreno. Parece-me que isso é bastante diferente em Aristóteles. Em Aristóteles, a alma tem um aspecto que ficará consagrado com o termo "tavola rasa". Daí que o conceito bíblico-cristão que define o ser humano como *imago Dei* pode também estar relacionado com concepção platônica de alma. Lembro que as pesquisas de Bruno Snell nos informam de que os gregos antigos tinham os deuses - e não os animais - como ponto de comparação dos seres humanos. Coube a Aristóteles formular a definição de homem em que o ponto de comparação para definir o homem são os animais e não mais os deuses, quando afirma ser o homem "um animal possuidor de palavra". A relação entre os dois maiores pensadores da Antigüidade grega foi muito bem trabalhada pelo Cristianismo, e forneceu a ele parte do cimento que solidificou sua construção. Penso que é preciso continuar a pesquisar sobre esses dois filósofos para que se entenda o que nós hoje ainda podemos chamar de Ocidente e - como Ocidente - nos dispormos a aprender mais do que ensinar.

Historia, antropologia e música grega

II CICLO DE ESTUDOS DESAFIOS DA FÍSICA PARA O SÉCULO XXI: UM DIÁLOGO DESDE A FILOSOFIA

Nesta quarta-feira, dia 06-12-2006, o físico Prof. Dr. Fernando Haas e a historiadora Prof.^a Dr.^a Karen Monteiro, ambos docentes na Unisinos, encerram o II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia. O tema traz à discussão aspectos da cultura grega, civilização que até nossos dias é um dos pilares da cultura ocidental. Monteiro falará sobre A história e a antropologia da cultura grega, e Haas abordará a música grega. A atividade vai das 17h30min às 19h3min, na sala 1G119 do IHU.

Haas é graduado, mestre e doutor em Física pela UFRGS. Sua tese leva o título Sistemas de Ermakov Generalizados, Simetrias e Invariantes Exatos. É pós-doutor pela Universidade Henri Poincaré, na França. É autor de Computação algébrica e simetrias de Lie. Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada, 2001. Suas contribuições mais recentes à IHU On-Line foram dadas na edição 203, de 06-11-2006, com a entrevista O paradoxo de Zenão quântico, sobre a palestra que apresentou dentro da programação do II Ciclo de Estudos Desafios da Física, e na edição 198, de 02-10-2006, com a entrevista Explicar a vida: desafio da Física, a respeito da palestra A contingência e o acaso nas Ciências da Vida e na Física, também a respeito do II Ciclo de Estudos Desafios da Física. Ainda na edição 198, o IHU Repórter traçou seu perfil. Todas entrevistas estão disponíveis para download na página do IHU, endereço www.unisinos.br/ihu. Em 29-11-2006 Haas falou sobre Caos e complexidade no Quarta com Cultura Unisinos, realizado na Livraria Cultura, em Porto Alegre.

Monteiro é historiadora, cientista social e advogada graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, cursa mestrado em Ciências Sociais das Organizações pela mesma instituição. Na Unisinos leciona nos cursos de Gastronomia e Administração de Empresas.

O Rei da Vela

V CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL: INTÉRPRETES DO BRASIL - ESTADO E SOCIEDADE

*No próximo dia 5 de dezembro, o Brasil será pela última vez interpretado. A última palestra do V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil - Estado e Sociedade terá como tema o livro *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade. A obra de Oswald de Andrade (1890-1954) representou fortemente o libelo contra a cultura do passado. O livro reflete as condições do Brasil na década de 1930, focalizando em especial São Paulo e Rio de Janeiro. É apresentado um amplo panorama da sociedade, figurando várias classes sociais, suas relações e crises.*

O evento será conduzido pela professora da Unisinos, Maria Helena Campos de Bairros e acontecerá na sala 1G119, às 19h30min.

IHU On-Line - Qual é a atualidade da obra de Oswald de Andrade?

Maria Helena - Oswald de Andrade, poeta, romancista e dramaturgo, produziu uma obra que representa um marco na literatura brasileira, sobretudo, em relação ao uso da linguagem e às formas de representação ficcional. Influenciado pelos movimentos de vanguarda europeia e pelo desejo de mudança no cenário cultural brasileiro, foi uma espécie de porta-voz dos anseios de parte da intelectualidade brasileira, no século XX, na década de 20, principalmente em São Paulo. Nessa década, atuou de forma decisiva na organização da semana de Arte Moderna e na apresentação de manifestos que teriam repercussão em fases subseqüentes da produção cultural brasileira. Autor de espírito irreverente e combativo escreveu uma poesia que pode ser considerada precursora de um outro movimento que vai marcar a cultura brasileira na década de 60: o Concretismo. Suas idéias, ainda nessa década, reaparecem também no Tropicalismo.

A narrativa romanesca, *Memórias sentimentais de João Miramar*, também chama a atenção pela linguagem e pelo processo de construção. O romance apresenta uma técnica de composição revolucionária, se comparado aos

romances tradicionais: são 163 episódios numerados e intitutados, que constituem capítulos-relâmpagos, revelando as influências da linguagem do cinema. São fragmentos, recortes e colagens utilizadas para narrar. *O Rei da Vela*, peça escrita em 1933 e publicada em 1937, focaliza a sociedade brasileira dos anos 30. Devido ao seu caráter pouco convencional, foi encenada pela primeira vez apenas em 1967, integrando o movimento tropicalista.

IHU On-Line - Como o Brasil é retratado na obra? Quais as semelhanças com o Brasil de hoje?

Maria Helena - *O Rei da Vela* focaliza a história de Abelardo (desdobrado na figura do duplo I e II) e Heloísa, ela uma representante da aristocracia paulista do café, já falida; ele um novo rico que precisava de um sobrenome tradicional. Ambos buscam, através do casamento, a resolução para seus problemas relacionados à projeção social. No eixo do enredo está a história de amor, que desvela as mazelas das relações marcadas por interesses. O paradoxo acentua-se ainda mais pelos nomes dos protagonistas que se referem a uma história de amor do século XII. Esses nomes reforçam o contraste

entre as relações marcadas pelo amor e as estritamente regidas por interesses. Nesse sentido, a peça ataca pilares da sociedade brasileira, muito caros, em especial durante o período da ditadura militar, 1967, ano em que a peça foi encenada pela primeira vez. Ao atacar Deus, Pátria e Família, a peça procura questionar e desmascarar cada uma dessas referências, a fim de desvelar as mazelas de uma nova classe social que estava emergindo: a dos industriais. Além da desconstrução das representações das relações matrimoniais e comerciais, o texto de Oswald retrata a crise dos cafeicultores que afetou especialmente o Brasil, logo após *crack* de 29, agravando-se com a derrota da Revolução Constitucionalista de 1932. Ainda que datadas, as questões morais e econômicas, tematizadas pela peça, mostram-se atuais. A “aristocracia” rural brasileira ainda é bastante dependente da agricultura de mono cultivo, subsidiada por políticas governamentais. Outro aspecto relevante, tematizado pela peça, diz respeito ao enriquecimento através da usura, prática vigente na contemporaneidade e legitimada pelas instituições bancárias.

***IHU On-Line* - Que figuras importantes ganham espaço nas páginas do livro?**

Maria Helena - Pode-se afirmar que ainda são figuras recorrentes personagens como Abelardo, que enriqueceu de forma não muito lícita, que está em busca de reconhecimento social e Heloísa, que já viveu na opulência, mas que não titubeia em se deixar usar para

manter a vida abastada. Soma-se a esses personagens o norte-americano, Mister Jones, o capitalista e banqueiro que se aproxima de Heloísa com o consentimento de Abelardo que vê na relação extraconjugal mais uma possibilidade de obter lucros. Essa personagem assinala ainda mais o grau de submissão de Abelardo e do país colonizado que sucumbe diante do capital externo. Nesse sentido, as personagens ainda simbolizam figuras emblemáticas que procuram a qualquer custo projeção social e econômica.

***IHU On-Line* - Como a senhora classifica Oswald de Andrade como intérprete do Brasil?**

Maria Helena - Oswald de Andrade, como intérprete do Brasil, soube captar a essência de um processo de transformação de um País calcado no modelo agrário de monocultura que, de uma hora para outra, se transforma em um modelo industrial, representado pela alegoria da fábrica de velas. É a transição de um modelo marcado pela conspiração e pela usura que ainda reflete na atualidade. Assim, a pátria é vista, no texto, como pobre e subordinada aos países ricos. A metáfora que traduz essa situação é representada por Abelardo e Heloísa que, respectivamente, sintetizam a transformação e a deterioração do poder econômico e da tradição familiar.

Sala de Leitura

Camilo Mortágua, de Josué Guimarães (Porto Alegre: L&PM, 2006). Este romance de Josué Guimarães narra a história de Camilo Mortágua, perpassando vivências e lembranças. O cenário é a Porto Alegre de 1964, período rico da nossa história recente. Camilo mora numa pensão no bairro Azenha, destacando-se dos demais moradores pela sua educação e postura. O Cinema Castelo, ali na Azenha, é o ponto de início de suas recordações da infância num casarão da Avenida Independência, antiga

zona nobre de Porto Alegre. Josué Guimarães expõe a vida e a saga de uma família de fazendeiros da fronteira que vivem o luxo e conta Josué como o luxo acabou por arruinar uma vida; os dramas vividos por diversas famílias tradicionais gaúchas, marcando a decadência de uma aristocracia rural. Um romance histórico-psicológico que retrata uma época da história do povo e da ex-elite dominante do nosso Estado.

Professor MS. Ricardo Giuliani Neto, da Unidade Acadêmica de Ciências Jurídicas da Unisinos

IHU Repórter

Edison Trevisan Steffanello

“A oportunidade de trabalhar com os alunos é a melhor parte de trabalhar na Unisinos”, é o que declara Edson Trevisan Steffanello, supervisor técnico da TV Unisinos. Nasceu em Cruz Alta, mas começou a vida em Porto Alegre, aos 20 anos, trabalhando em produtoras de vídeo e na RBS. Na Unisinos, encontrou seu trabalho e também sua vocação: Relações Públicas. Tanta é a dedicação com os alunos que Edson é neste ano funcionário homenageado dos formandos em Jornalismo. Conheça um pouco mais deste funcionário e aluno da Unisinos na entrevista a seguir.

Origens - Nasci em Cruz Alta. Tenho 37 anos.

Família - Meus pais moram ainda em Cruz Alta, e tenho cinco irmãos mais velhos. Sou casado há 10 anos, tenho uma filha, Laurinha, que é a melhor coisa que poderia

ter acontecido na minha vida. Moro em Porto Alegre. Sou muito apegado a família. Com 22 anos, fui tentar a vida em Porto Alegre. Já tinha quatro irmãos que moravam lá.

Infância - Tive uma infância simples, com algumas

dificuldades, mas nunca me faltou nada.

Hoje consigo entender a importância dos meus pais na minha vida. Sempre me dei bem com os meus irmãos. Quando saí de Cruz Alta parecia ter deixado um pedaço de mim. É muito difícil sair de uma cidade do interior e vir para capital, buscar um espaço profissional, mas hoje só vou para a minha cidade natal para passear. Deixei grandes amigos lá. Hoje já me sinto um porto-alegrense, mas nunca esquecendo as raízes.

Estudos - Cursei os ensinos Fundamental e Médio em escolas públicas de Cruz Alta. Agora estudo Relações Públicas na Unisinos. Gosto muito do curso que escolhi. Estou satisfeito.

Trabalho - Além do quartel, e ter tentado ser jogador de futebol no Guarani de Cruz Alta, minha primeira experiência de trabalho foi como funcionário das Lojas Quero-Quero. Tive também um trailer de lanches durante dois anos. Quando fui para Porto Alegre, trabalhei na Vídeo Tok e como *freelancer* na RBS Vídeo e na Estação Elétrica Filme e Vídeo, depois voltei para a RBS .

Carreira - Comecei a trabalhar com edição de vídeo por meio de meu ex-cunhado que trabalhava na RBS de Cruz Alta, e veio transferido para Porto Alegre, e montou uma produtora chamada Vídeo Tok. Ele me apresentou para várias pessoas do ramo e vieram as oportunidades. Trabalhei como editor, produtor e coordenador de operações. Conheci a Unisinos por meio de um amigo que também trabalhou na Estação Elétrica e foi um dos primeiros funcionários da TV Unisinos, o Daniel Bernardes, fiz alguns trabalhos com o Alexandre Kieling que, na época, era o diretor da TV Unisinos, que conheci quando trabalhava na Estação Elétrica. Gostei muito do projeto da TV Unisinos. Nessa época, trabalhei ainda durante três anos na RBS e na Unisinos ao mesmo tempo,

até ser promovido na Unisinos e acabei ficando na Universidade onde estou até hoje. Sinceramente, olhando para trás eu me sinto um vencedor e tenho certeza que muitas coisas ainda melhores acontecerão.

Mudanças - Fui para Porto Alegre em busca de emprego e de um futuro. Cruz Alta é uma cidade agrícola, tem muitos quartéis, mas não tem muitas oportunidades, mas mesmo assim gosto muito de lá. Tenho uma história que ficou por lá.

Alunos - A oportunidade de trabalhar com os alunos é a melhor parte de trabalhar na Unisinos. Eu sou muito feliz no que eu faço. Trabalhei um período como editor, com todos os cursos e depois assumi a supervisão. Trabalhar com os alunos é muito importante para mim. Este ano sou funcionário homenageado pelos formandos do curso de Jornalismo, e no ano passado, fui pelo curso de Realização Audiovisual. Algumas pessoas dizem que sou muito “bonzinho” com os alunos, mas eu acho isso importante para o meu trabalho dentro da Universidade. O melhor cliente é o aluno.

Relações Públicas - Durante muito tempo trabalhei com jornalistas e publicitários e vi que esses cursos não eram o que eu queria. Acho que o melhor se encaixa comigo é trabalhar diretamente com as pessoas. Com esse curso, além de eu obter uma formação, faço uma coisa de que eu gosto. Mesmo depois de formado, pretendo continuar trabalhando na área de TV.

Lembrança - Tenho muito contato com os alunos do curso de Jornalismo. Trabalhando com um aluno de Estágio em TV, recebi um e-mail dele pedindo alguns equipamentos. Pedi o microfone “com a bolinha na ponta”, o outro “que tem um monte de cabelos” e “o que se pendura no pescoço”. Fiquei meio assustado. Como que um aluno que já está tão avançado no curso

não sabe ainda o nome dos equipamentos mais básicos? Então respondi dizendo os nomes corretos dos equipamentos. Ele respondeu dizendo que só estava me testando.

TV Unisinos - Formamos uma família muito forte no começo da TV Unisinos. Passamos por vários momentos difíceis, como toda a Universidade, com muitas mudanças, além da perda de colegas por redução de custos e ajustes importantes. Mas tento sempre animar as pessoas que ficaram e continuar indo em frente. O projeto existe é ainda com alguns ajustes poderemos vencer e provar cada vez mais nossa capacidade. Temos uma equipe excelente, que tem condições de trabalhar em qualquer lugar. Criamos um vínculo muito forte. São pessoas maravilhosas, cada um com suas peculiaridades. Sei o que cada um tem a oferecer e como pode .

Casamento - Não sou casado no papel. Conheci minha esposa em Cruz Alta, quando ela era uma menina de 11 anos e eu 16, mas nunca namoramos, tínhamos amigos em comum. Em 1994, fui visitar meus pais na cidade e a vi passar de bicicleta, então fui atrás dela e começamos a conversar. Trocamos endereços e começamos a corresponder-nos. Ela foi a Porto Alegre fazer vestibular e passou, e logo foi morar lá, foi quando nosso relacionamento começou e dura até hoje. Dele resultou minha filha, a Laura. Crescemos muito juntos.

Dificuldade - Nossa filha nasceu com 6 meses, pesando 970 gramas. Trabalhava há três dias na Unisinos e ganhei licença para cuidar da minha filha. Minha esposa teve problemas na gestação, e minha filha teve que nascer antes do tempo. A Laura ficou 63 dias na UTI neonatal do Hospital Moinhos de Vento, e eu fiquei todas as noites lá com ela. Temos um vínculo muito forte. Hoje, com seis anos, ela está muito bem. Passei por altos e baixos em

meu relacionamento com minha esposa, mas acabamos nos unindo muito apesar de tudo.

Horas Livres - Gostava muito de jogar futebol com os meus amigos. Tenho um grupo de amigos que se reúnem às quintas-feiras para fazer churrasco e jogar futebol. Parei de jogar há mais de um ano por um problema físico e também em razão dos estudos, mas não de participar dos churrascos, pretendo voltar na próxima temporada.

Música - Sou eclético. O ambiente onde estou é que define que estilo de música eu vou escutar no momento. Uma banda que gosto muito é Legião Urbana.

Viagens - Gosto de acampar e pescar. Tenho receio de estar na estrada. É uma das poucas coisas que me assusta. Entretanto, quase todo mês vou visitar meus pais em Cruz Alta.

Livro - Tenho um grande defeito: não leio muito. Mas gostei muito do *Poeta e o Carteiro*, do Pablo Neruda, e *A Gula*, do Luís Fernando Veríssimo. Esse último eu gostaria de transformar em vídeo.

Futuro - Tenho muitas idéias de trabalho, mas primeiro quero me formar. Também penso muito com a minha esposa em adotar uma criança, se tiver condições financeiras é claro. Quero continuar no meu trabalho, sempre trabalhando com os alunos, ajudando-os a serem profissionais e pessoas melhores, pois o mercado de comunicação que os esperam não é nada fácil.

Política - O atual presidente mereceu ser reeleito pelo que fez. Aqui dentro da Universidade vejo reflexo disso, com mais pessoas humildes estudando, que não teriam condições antes. Isso faz parte do trabalho dele. Projetos como o bolsa família são válidos, porque só ajudam as pessoas. Quanto aos escândalos, acho que ele deveria ter

sido mais duro, deveria ter resolvido. O resultado das eleições para governador do Estado eu ainda não consigo entender.

Unisinos - Jamais imaginei que trabalharia em uma universidade. A Unisinos contribuiu muito para minha vida, ensinou-me muitas coisas. Eu sinto que posso aprender e contribuir para a Universidade ainda mais. Só

tenho a agradecer à Universidade pela oportunidade que tive, hoje não me imagino trabalhando fora daqui.

Instituto Humanitas - Acompanho um pouco de longe o trabalho do Instituto, mas ouço falar muito dele. Toda a instituição de ensino deve ter esse espaço de discussão, proporcionando a reflexão. Se dermos uma oportunidade para as pessoas discutirem suas idéias, estamos formando pessoas melhores, ajudando-as a crescer.